



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

RUI MANUEL MATOS CANTARILHO

A paixão de Cristo na espiritualidade medieval:
Lignum Vitae e Meditationes de Passione Iesu Christi

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof.ª Doutora Ana Maria C. M. Jorge

Lisboa

2012

A paixão de Cristo na espiritualidade medieval:
Lignum Vitae e Meditationes de Passione Iesu Christi

Introdução

Como trabalho final do Mestrado Integrado em Teologia, propus-me abordar a Paixão de Cristo na espiritualidade medieval, tomando por base duas obras muito significativas: *Lignum vitae* (*Árvore da vida*) e *Meditationes de Passione Iesu Christi* (Meditações sobre a Paixão de Jesus Cristo).

A escolha temática da Paixão de Cristo deve-se ao interesse em estudar esta “espiritualidade passionista”, que surge e se desenvolve na Idade Média, com uma tendência crescente na religiosidade dos séculos XII e XIII, mas que se prolonga por um período muito mais amplo, chegando ainda aos nossos dias em algumas manifestações de espiritualidade e de piedade popular.

Considerados dos primeiros textos de espiritualidade sobre esta temática, as duas obras analisadas influenciaram toda a idade média, bem como os escritos místicos posteriores; marcaram ao longo dos séculos a piedade e as estratégias da evangelização.

Durante séculos atribuída a Boaventura, a autoria dos dois textos latinos foi questionada a partir de finais do século XIX. Se *Lignum vitae* é atribuído a Boaventura sem qualquer dúvida pelos editores de *Quaracchi*¹, a autoria das *Meditationes de Passione Iesu Christi* é ainda alvo actualmente de muita controvérsia.²

A presente dissertação é constituída por três capítulos.

¹ São conhecidos por “editores de Quaracchi”, os 38 investigadores que reviram os textos de Boaventura para resolver satisfatoriamente o problema da autenticidade das obras e o estabelecimento de um texto que transmitisse o pensamento do Autor. Durante vários anos de trabalhos intensos, reuniram-se todos os elementos que haviam de servir para a edição, realizada segundo as mais rigorosas exigências da crítica moderna. Entre 1882 e 1902, foram publicados 10 volumes, mais um volume fora da série, que contém os índices dos quatro livros do Comentário das Sentenças, que ocupam os quatro primeiros volumes. Cf. BOAVENTURA, *Obras*, edición bilingue, I, BAC, Madrid, 1955, pp. 36-43.

² Cf. ZEDELGEM, A., *Saggio Storico sulla devozione alla Via Crucis: Evocazione e rappresentazione degli episode e dei luoghi della Passione di Cristo*, Atlas, Sacri Monti/ Calvari, 2004, p. 75.

No primeiro capítulo, procura-se contextualizar a espiritualidade Franciscana e a sua influência nas práticas devocionais da Paixão de Cristo. O novo contexto europeu do século XIII, com um clima de mudança na sociedade, na cultura, e na vida eclesial, levou à necessidade de novas formas de evangelização e de viver o cristianismo, que vão ter resposta nas ordens mendicantes. O cristocentrismo da espiritualidade mendicante marca profundamente a fundação destas novas ordens, pois já anteriormente marcava a espiritualidade acentuando a configuração a Cristo – na sua pobreza e humildade - configuração que Francisco de Assis imprime na sua ordem. A humanidade de Cristo é o centro de uma “devoção passionista”. Esta procura de configuração a Cristo, no século XIII, irá expressar-se na devoção à Paixão, onde se manifesta plenamente a humanidade de Cristo e o motivo da sua Encarnação. Esta devoção irá marcar a teologia, liturgia, espiritualidade e piedade, bem como as artes plásticas da época.

O segundo capítulo é dedicado à apresentação de Boaventura e à sua ligação às obras em análise na presente tese. Depois de uma breve biografia de Boaventura (em que se sublinham os principais aspectos que marcaram a sua formação filosófico-teológica e a sua espiritualidade franciscana), é sumariamente descrita a sua obra. Sem a pretensão de enumerar todas as obras do autor (pois é grande o número de escritos reconhecidos ou não pela crítica como genuínos) sublinhamos a enorme panóplia de textos de índole filosófico-teológica, exegética, ascética e oratória.

No terceiro e último capítulo, sem dúvida o mais extenso e central do presente trabalho, são estudadas as obras *Lignum Vitae* e *Meditationes de Passione Iesu Christi*, atribuídas a Boaventura. Nelas, magistralmente e dedicadamente, se apresenta e desenvolve a devoção à Paixão e à humanidade de Jesus Cristo. Começaremos por

abordar num primeiro ponto a obra *Lignum vitae*, atribuída sem grandes dúvidas a Boaventura, pelos editores de *Quaracchi*, entre outros, como já mencionamos.

Analisaremos em seguida as *Meditationes de Passione Iesu Christi*, texto inicialmente atribuído ao Doutor Seráfico, mas cuja autenticidade tem sido questionada, embora se aceite a sua possível atribuição a este autor.³

Sobre as duas obras seguimos o mesmo esquema de análise: autoria e estrutura da Obra (capítulos e temáticas tal como são desenvolvidas), análise de cada capítulo e partes relativas à Paixão de Cristo, tendo em atenção os momentos/cenas da Paixão e a sequência descrita, a sua densidade, as personagens, as suas fontes e inspirações, sem deixar de reflectir sobre as influências que causou na espiritualidade e na piedade daquela época.

Em relação às fontes, são usadas a edição bilingue (latim e espanhol) da BAC⁴ e também a tradução portuguesa da *Lignum Vitae* de José Maria Fonseca⁵. Para as *Meditationes de Passione Iesu Christi* usa-se a edição bilingue da BAC⁶. Optámos por apresentar as citações desta obra em notas de rodapé, em latim e em espanhol, para facilitar a compreensão e o acompanhamento do texto.

³ Cf. ZEDELGEM, A., *Saggio Storico*, p. 75.

⁴ BOAVENTURA, *Obras*, edición bilingue, II, BAC, Madrid, 1956.

⁵ BOAVENTURA, *A árvore da vida: Meditações cristológicas*, Editorial Franciscana, Braga, 1997.

⁶ BOAVENTURA, *Obras*.

1. A espiritualidade franciscana: Sua influência nas práticas devocionais à paixão de Cristo na cristandade.

1.1. O novo contexto “europeu” do século XIII

No dealbar do século XIII, a Europa inicia um período de grande transformação: a burguesia começa a triunfar sobre o feudalismo, transformando a organização social e os costumes do homem europeu; o governo Pontifício centralizava-se cada vez mais, necessitando de instrumentos mais adequados à tarefa difícil que se apresentava; novas heresias de carácter revolucionário influenciam o povo e o racionalismo aristotélico começa a sentir-se nas universidades.⁷

Com o desenvolvimento da produção e do comércio, multiplicam-se e crescem as cidades e vilas, onde prospera uma classe média que começa a figurar na administração e no governo ao lado dos nobres.⁸ Esta forte massa social, que se vai formando com mais ou menos riqueza, goza de um bem-estar económico superior aos antigos servos da gleba e luta mais pelos interesses materiais, levando a um afastamento do Evangelho e da dimensão espiritual da vida.⁹

A Igreja não podia alhear-se da situação e vai procurar multiplicar as paróquias, «como focos de cristianismo»¹⁰. Contudo, os párocos e vigários não conseguiam “atrair” a fé dos fiéis, para além de que muitos destes sacerdotes tinham uma escassa formação, tendo dificuldades em expor a doutrina cristã na pregação. Os monges, principalmente a ordem de Cister, complementavam o trabalho do clero secular, que

⁷Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja: A Idade Média*, 2ª ed., Vozes, Petrópolis, 1983, pp. 246, 365; GARCÍA VILLOSLADA, R., *Historia de la Iglesia Católica*, BAC, Madrid, 1953, p. 729.

⁸ Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, pp. 243, 272.

⁹ Cf. VILLOSLADA, R., *Historia de la Iglesia*, p. 730; AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 365.

¹⁰ VILLOSLADA, R., *Historia de la Iglesia*, p. 730.

ajudavam com frequência, mas muitas vezes os monges estavam longe, retirados nos seus mosteiros, e não bastavam para as novas necessidades.¹¹

É neste quadro social, económico e religioso que surgem na Igreja novas formas de vida religiosa: as ordens mendicantes.¹² Ao monge, que vive na solidão rural da sua abadia, qual «senhor feudal na sua fortaleza»¹³, dedicando-se à contemplação e à liturgia, sucede o frade, que habita na cidade e confraterniza com a gente do povo, pregando, administrando os sacramentos, exortando, consolando, dando exemplos de virtude.¹⁴ Estes frades professam a pobreza, não só individualmente, mas também comunitariamente nos seus conventos, renunciando a bens e rendas, apenas apoiados nas esmolas recolhidas nas cidades onde vivem.¹⁵ Assim estas novas ordens pregam com o exemplo e com a palavra o desprendimento das riquezas a uma sociedade excitada pela cobiça e ânsia do lucro.¹⁶

Pela especificidade da sua constituição, os mendicantes vão prestar ao Papa um serviço único, de um modo universal e eficaz, através de uma esmerada educação intelectual que recebiam em ambientes universitários, preparando-se muitos dos seus membros para refutar heresias e para expor os dogmas da fé.¹⁷

¹¹ Cf. VANDENBROUCKE, F., *Storia della spiritualità: La Spiritualità del Medioevo*, 4/B, Edizioni Dehoniane Bologna, 1991, p.113; VILLOSLADA, R., *Historia de la Igreja*, p. 730.

¹² Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, pp. 272-273; VANDENBROUCKE, F., *Storia della spiritualità*, pp.113-114.

¹³ VILLOSLADA, R., *Historia de la Igreja*, p. 730.

¹⁴ Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 282.

¹⁵ Cf. SÁNCHEZ HERRERO, J., *Historia de la Iglesia II: Edad Media*, BAC, Madrid, 2005, pp. 388-389; VILLOSLADA, R., *Historia de la Igreja*, pp. 730-731.

¹⁶ Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 284; VILLOSLADA, R., *Historia de la Igreja*, p. 731.

¹⁷ Cf. VILLOSLADA, R., *Historia de la Igreja*, p. 731.

1.2. O cristocentrismo da espiritualidade mendicante

A meditação constante da pessoa e vida de Jesus Cristo despertou nos fiéis um movimento individual e social com o objectivo de implantar na Igreja a imitação do Salvador, na pobreza e na humildade¹⁸ - a pobreza evangélica – corrente a que se veio a chamar “pauperismo”,¹⁹ e no âmbito da qual se desenvolvem de forma impar as virtudes da caridade, da humildade, da piedade.²⁰ De facto, o amor ardente a Cristo e o pensamento fixo na sua divina pessoa ligaram a devoção dos cristãos a tudo quanto estava relacionado com o Cristo dos Evangelhos, dimensão acentuada pela reconquista dos Lugares Santos da Palestina, através das Cruzadas.²¹

O prestígio social e o poder político que a Igreja tinha alcançado desde Gregório VII, assim como o poder e as riquezas dos bispos e abades, levaram muitos fiéis, profundamente religiosos e idealistas, a recear que o espírito de pobreza e de humildade evangélica tivesse desaparecido da Igreja, por esta não seguir, como pensavam, o exemplo da vida de Cristo.²²

Estas correntes extremistas revestiram-se de aspectos evangélicos, mas cada uma delas era perigosa, tomada como exclusão da contrária. Enquanto uns aspiravam a tornar a Igreja senhora do mundo para que assim triunfasse Cristo-Rei, que a arte representava com as insígnias da realeza, em vez da cruz; outros procuravam espiritualizar a Igreja, distanciando-se do material e renunciando ao mundano, a fim de que reinasse nos corações Cristo pobre, humilde e paciente. A solução para evitar as

¹⁸ Cf. SÁNCHEZ HERRERO, J., *Historia de la Iglesia*, pp. 388-389; VANDENBROUCKE, François - *Storia della Spiritualità - La spiritualità del Medioevo*, 4/B, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna 1991, pp. 128-133.

¹⁹ O que Schnürer chamou de *Armutsbewegung*. Cf. VILLOSLADA, R., *Historia de la Iglesia*, p. 740.

²⁰ Cf. SÁNCHEZ HERRERO, J., *Historia de la Iglesia*, p. 389.

²¹ Cf. AUBERT, KNOWLES, M. D., ROGIER, R., *Nova história da Igreja: A Idade Média*, 2ª ed., Vozes, Petrópolis, 1983, p. 285.

²² Cf. VILLOSLADA, R., *Historia de la Iglesia*, p. 741.

fracturas teria de passar por harmonizar ambas as correntes, visto que, se a Igreja é “reino espiritual”, também é “sociedade visível”.²³

Francisco de Assis, que perseguirá sempre o ideal de identificação com Cristo, quer na sua vida interior, quer exterior, vai dar corpo ao que era bom e evangélico neste movimento, colocando-o em conformidade com a mais pura ortodoxia e com as normas da hierarquia²⁴ ainda que muitos dos seus contemporâneos não o soubessem reconhecer.

Na verdade, de Francisco de Assis brotou uma corrente fecunda de espiritualidade evangélica, que bebeu da tradição eclesiástica e que se manifestou forte e pujante: seguir a Cristo na pobreza e humildade, segundo o Evangelho, é o ideal proposto na sua regra, um ideal que cada irmão realiza num compromisso de fraternidade e de inferioridade para com os seus irmãos e para com todos os homens, no fundo, para com toda a criação, sob os auspícios de Deus-Pai.²⁵ Ensinando o povo cristão com o exemplo e a palavra, Francisco levava-o à comoção e à conversão de vida quando lhe falava do Redentor humilde, paciente e pobre.²⁶

O franciscanismo, à diferença dos movimentos pauperistas em geral, desde o princípio muito próximos da heresia, quer em Lyon (França), quer no norte de Itália, enquadra o popular e espontâneo da fé, dentro dos limites da obediência e fidelidade a Roma e aos bispos.²⁷

Esta vivência do cristianismo marcada pela identificação a Cristo, na pobreza e na humildade, não se contém dentro da Ordem Franciscana, mas difunde-se por toda a cristandade. Por isso se pode dizer que neste período há um “cristocentrismo”

²³ Cf. VILLOSLADA, R., *Historia de la Igreja*, p. 741.

²⁴ Cf. VILLOSLADA, R., *Historia de la Igreja*, p. 759; VANDENBROUCKE, F., *Storia della spiritualità*, pp. 128-133.

²⁵ Cf. IRIARTE, L., *Historia franciscana*, p. 151.

²⁶ Cf. VILLOSLADA, R., *Historia de la Igreja*, pp. 741-742.

²⁷ Cf. VILLOSLADA, R., *Historia de la Igreja*, p. 742; AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 315.

dominante na espiritualidade ocidental, que descobre e coloca em primeiro plano a humanidade de Jesus, o que leva a definir este período como a «idade de Cristo»²⁸.

Cronologicamente esta «idade de Cristo» é situada entre os séculos XI e XIII, mas alguns historiadores fixam-na no século XIII, altura em que a humanidade de Cristo, mais do que a sua divindade, passa para o primeiro lugar no plano da teologia e das vivências. Esta dimensão é ilustrada também pela ruptura com os esquemas anteriores de vida interior, protagonizada pelos místicos medievais quando descrevem as suas experiências de união a Deus, e a contemplação unitiva e amorosa dos sofrimentos de Cristo, de clara influência franciscana.²⁹

Por vezes, esta nova orientação da espiritualidade e da sensibilidade religiosa é assinalada por alguns autores como estando ligada às mudanças relacionadas com a vida urbana e a pregação, não associando este “movimento” a figuras concretas.³⁰ Contudo, não podemos deixar de considerar o contributo de Francisco de Assis e dos seus seguidores³¹, caminho já “preparado” por Anselmo, e por Bernardo de Claraval.³² Neste sentido podemos afirmar que a espiritualidade franciscana prolonga a espiritualidade cisterciense com novos matizes de popularidade e de gozo espiritual, de simplicidade, de elevação a Deus pelas criaturas. Se a espiritualidade de Bernardo era para monges, a espiritualidade de Francisco era para todos os cristãos. Se Cister era caracterizada por um rigorismo forte, que valorizava a *fuga mundi* e o desprezo das criaturas, o Franciscanismo apresentava rasgos mais humanos e optimistas e juntava o desprezo do mundo ao amor fraterno por todas as criaturas. Contudo, ambas as espiritualidades são

²⁸ VAUCHEZ, A., *La espiritualidad del Occidente Medieval: Siglos VIII-XII*, Ed. Cátedra, Madrid, 1985, p. 72.

²⁹ Cf. JIMÉNEZ, R. T., «Notas para una reflexión sobre el cristocentrismo y la devoción medieval a la pasión y para su estudio en el medio rural castellano», *Hispania sacra*, 58 (2006), p. 462.

³⁰ Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 284.

³¹ Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, pp. 272-279.

³² Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, pp. 259-260.

eminentemente cristológicas, fundadas na devoção ao Verbo Encarnado e à humanidade de Cristo.³³

Para Francisco o importante é a humanidade de Cristo, sem negar a sua divindade. A humanidade de Jesus, o homem Jesus, é o caminho através do qual se pensa, se interpreta e se vive o cristianismo, na sua teologia, nas suas concretizações morais, nas suas devoções... Sendo no Jesus dos Evangelhos que se encontra o Deus humano, pobre e humilde, exemplo a imitar e seguir, o Evangelho vai tornar-se a regra de vida.³⁴

1.3. A humanidade de Cristo como centro de uma “devoção passionista”

Jacques Le Goff situa no século XIII aquilo a que chama “dolorização da piedade”.³⁵ O século XIII marca, de facto, a passagem para uma meditação especulativa e filosófica sobre a Paixão como acção salvífica, para a imitação e identificação com Cristo.³⁶

Como vimos, o cristocentrismo é uma dimensão importante da espiritualidade medieval, sobretudo a partir de Bernardo, mas é o ideal franciscano de identificação com Cristo pobre nos pobres da cidade que o torna objecto de contemplação afectiva e efectiva, principalmente nas dores da Paixão.³⁷

Embora Francisco de Assis se comova perante o Menino Jesus, ele medita com maior insistência, enamoramento e compaixão em Cristo crucificado, imagem que tem sempre perante si, a ponto de se igualar ele próprio ao Cristo doloroso, recebendo na sua carne os estigmas.³⁸

³³ Cf. VILLOSLADA, R., *Historia de la Iglesia*, p. 759.

³⁴ AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 317.

³⁵ Cf. LE GOFF, J., *?Nació Europa en la Edad Media?*, Editor, Barcelona, 2003, p.72.

³⁶ Cf. JIMÉNEZ, R. T., «Notas para una reflexión», p. 463.

³⁷ Cf. IRIARTE, L., *Historia franciscana*, pp. 151-152.

³⁸ Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 379.

Francisco foi ao encontro de Cristo pobre e crucificado, através do irmão que sofre, do leproso que o levou a descobrir Deus como sumo bem, fonte de todo o bem, que se manifesta como amor, em constante doação ao homem³⁹. A sua influência no campo devocional e popular concretiza-se, portanto, no reconhecimento profundo da humanidade de Cristo, «semelhante em tudo aos homens, excepto no pecado» (cf. Heb 4, 15), desenvolvendo uma devoção autêntica à dolorosa Paixão e Morte de Cristo.

As devoções foram surgindo ao longo da idade média como um prolongamento da liturgia. Esta suscitou, desde sempre, concretizações particulares através das quais se exprimiu a fé dos fiéis ou dos grupos sociais. Assim, nascendo ou inspirando-se na liturgia, as devoções prolongaram-na em termos vivenciais e universais.⁴⁰ Na verdade, é no século XIII que se começa a viver com uma nova intensidade a Semana Santa e que têm início as representações dialogadas da Paixão.⁴¹

As festas e devoções relacionadas com a vida de Jesus Cristo tiveram então uma ampla difusão, como a representação do presépio, a que os franciscanos deram grande impulso. Mas foi o culto à Paixão de Cristo que foi mais difundido na piedade, quer pelo exemplo, quer pela pregação dos frades franciscanos, tendo o próprio Francisco de Assis escrito com uma finalidade litúrgica o *Officium de Passione*,⁴² obra que segundo alguns autores influencia Boaventura,⁴³ quando elabora as *Meditationes de Passione Iesu Christi*, de que trataremos mais adiante.

³⁹ Cf. IRIARTE, L., *Historia franciscana*, p. 151.

⁴⁰ Cf. TEIXEIRA, V. G., «Algumas devoções populares medievais e suas raízes franciscanas», in *Actas Congresso Cultura Popular*, Porto, 2000, p. 346.

⁴¹ Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 160.

⁴² Cf. IRIARTE, L., *Historia franciscana*, p. 158.

⁴³ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p. 741; TEIXEIRA, V. G., «Algumas devoções», p. 349.

1.4. As expressões de uma “devoção passionista”

Estas transformações nas vivências espirituais identificadas com o cristocentrismo vão intensificar-se, levando a uma generalização da piedade passionista ao longo dos últimos séculos da Idade Média, em que a devoção a Cristo domina sobre todas as outras. Há unanimidade entre os autores na afirmação de que a piedade se enlevou pelos sofrimentos de Jesus nos seus episódios e detalhes mais dramáticos: a Paixão converteu-se no motivo central da devoção, da liturgia, das representações artísticas e da literatura.⁴⁴

Atentas às exigências religiosas da nova sociedade, fruto do crescimento económico do século XII, as ordens mendicantes criaram, de facto, uma ponte entre a vida litúrgica, dos mosteiros e colegiadas, e um culto mais breve e ao mesmo tempo mais próximo da piedade individual.⁴⁵

Uma das expressões mais evidentes desta devoção passionista foi a mudança verificada no calendário eclesiástico, ao serem reconhecidas como solenidades muitas das formas de devoção de influência franciscana, que surgiram por meio da meditação pessoal dos mistérios revelados e do contacto pastoral com o povo cristão.

Neste contexto surgem também as explicações alegóricas da Missa, como renovação do sacrifício da Cruz, num esforço por encontrar no desenvolver do acto litúrgico as cenas da Paixão e Morte do Redentor. Cada gesto do celebrante, cada atitude ou palavras, adquirem um correspondente valor simbólico, recordando passo a passo, e com extremo detalhe, as cenas, surgindo um alegorismo místico-simbólico e dramático como chave interpretativa dos ritos litúrgicos.⁴⁶ A Missa aparece como uma cena teatral da morte e ressurreição do Senhor, que pode chegar a cada um dos fiéis que

⁴⁴ Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, pp. 275-277, 282-283.

⁴⁵ Cf. IRIARTE, L., *Historia franciscana*, p. 157; TEIXEIRA, V. G., «Algumas devoções», p. 348; AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 284.

⁴⁶ AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 282.

não comungam, mas que percebem os gestos e rituais e captam os diversos estímulos sensoriais.⁴⁷

A iconografia do Crucificado passa a ser a representação mais importante da Paixão, em parte porque exhibe o Sangue de Cristo, que foi objecto de grande devoção a partir do século XIII. Em algumas representações iconográficas surgem anjos que recolhem o Sagrado Sangue num cálice, surgindo também as representações alegóricas do Lagar Místico e da Fonte da Vida. Relacionada com a representação do Crucificado desenvolveu-se também a iconografia da Deposição no Túmulo, ou do Enterro, expressão da tendência dolorista da devoção a Cristo. As imagens da Paixão diversificam-se e adaptam um expressionismo patético que provoca dor, recolhimento, angústia e ternura. Associadas ao Crucificado e ao Enterro vão surgindo as representações do *Ecce Homo*, do Varão das Dores, de Jesus carregando a Cruz; desenvolvem-se também as personagens relacionadas com a Paixão, como a Virgem Maria e São João, quer de pé junto à cruz, quer no momento do descimento, reclinados sobre o corpo chagado de Cristo.⁴⁸

Relacionada com esta piedade cristocêntrica de expressão passionista, acentua-se neste período com as Cruzadas a devoção aos Lugares Santos da Palestina. No contexto das sucessivas perdas de Jerusalém, foram os franciscanos que mantiveram na cristandade a memória continua dos lugares onde Jesus viveu e sofreu, recorrendo «ao instinto da realidade imitativa»⁴⁹, herdado de São Francisco. Houve então lugar para as representações plásticas dos Lugares Santos e, sobretudo, para a prática da *Via Crucis*,

⁴⁷ Cf. VV. AA. – *Historia de la espiritualidad*, I, Juan Flors Editor, Barcelona, 1969, p. 643; Cf JIMÉNEZ, R. T., «Notas para una reflexión», p. 467.

⁴⁸ Cf. JIMÉNEZ, R. T., «Notas para una reflexión», p. 468.

⁴⁹ IRIARTE, L., *Historia franciscana*, p. 159.

que alcança então grande difusão.⁵⁰ Lembremos ainda a veneração das relíquias, como os fragmentos da Vera Cruz, os espinhos da coroa, o sudário, a lança, entre outros.⁵¹

Da conjugação entre liturgia e religiosidade popular surgiram também as representações sagradas, as teatralizações, os autos e as procissões,⁵² em muitos lugares a cargo dos irmãos penitentes da Ordem Terceira de São Francisco⁵³ e que se estenderam a toda a cristandade continuando, em muitos casos, até aos nossos dias.⁵⁴ Recorde-se que é precisamente neste período que se multiplicam os movimentos e as confrarias de disciplinantes com a sua intenção expiatória e a imitação dos sofrimentos de Jesus.⁵⁵ Esta tendência é particularmente notória no contexto litúrgico da celebração da Paixão, que era recordada todas as Sextas-Feiras, sobretudo na Semana Santa, tempo forte do ano. Neste contexto, tornaram-se populares os sermões e as representações e dramas da Paixão, dentro e fora dos templos.⁵⁶ Entre as mais comuns, estavam o “encontro no caminho do calvário”, a “crucificação” e o “enterro de Cristo”.⁵⁷

A literatura espiritual reflecte também esta devoção à Paixão e Morte de Jesus, à Santa Cruz dolorosa, onde Jesus sofreu a sua Paixão e Morte, às “Cinco Chagas” e ao “Precioso Sangue, às “sete palavras de Jesus na Cruz”. Estes temas estão presentes em inúmeros autores e místicos durante os séculos XIII, XIV e XV, não só pertencentes à escola franciscana, mas também a outras escolas espirituais.⁵⁸

⁵⁰ Cf. IRIARTE, L., *Historia franciscana*, pp. 158-159; Cf. TEIXEIRA, V. G., «Algumas devoções, p. 349-350; AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 282.

⁵¹ Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, pp. 285-286.

⁵² Cf. AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, pp. 430-431.

⁵³ Cf. IRIARTE, L., *Historia franciscana*, p. 161; TEIXEIRA, V. G., «Algumas devoções, p. 343.

⁵⁴ Cf. SÁNCHEZ HERRERO, J., «Desde el cristianismo sábio a la religiosidad popular en la Edad Media», *Clio & Crimen*, 1 (2004) pp. 332-333.

⁵⁵ Cf. JIMÉNEZ, R. T., «Notas para uma reflexão», p. 468; AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 284.

⁵⁶ AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 283.

⁵⁷ JIMÉNEZ, R. T., «Notas para uma reflexão», pp. 469-470.

⁵⁸ Cf. SÁNCHEZ HERRERO, J., «Desde el cristianismo», p. 332; VANDENBROUCKE, F., *Storia della spiritualità*, p. 145.

Expressão muito importante desta espiritualidade são os escritos de meditação e contemplação intimista da Paixão, amplamente difundidos, e que incentivavam e orientavam o crente a meditar nos passos do Senhor com a cruz às costas, nas suas quedas, nas suas chagas, evocando todos os detalhes físicos e espirituais vivenciados pelo Senhor.⁵⁹

De facto, podemos afirmar que a sistematização da espiritualidade franciscana foi levada a cabo, principalmente, por Boaventura. É com ele que podemos falar, verdadeiramente, duma escola franciscana,⁶⁰ que toda a Ordem se encarregou de difundir, com grande eficácia, entre o povo cristão⁶¹.

⁵⁹ Cf. JIMÉNEZ, R. T., «Notas para uma reflexión», p. 469; VANDENBROUCKE, F., *Storia della spiritualità*, p. 148.

⁶⁰ Cf. IRIARTE, L., *Historia franciscana*, p. 152.

⁶¹ Cf. VILLOSLADA, R., *Historia de la Igreja*, p. 760; AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 279.

2.Boaventura

2.1.A vida

Boaventura nasceu em 1217⁶², em Bagnoregio, no centro de Itália, antiga cidade dos estados pontifícios. Devido a uma enfermidade, que o levou quase à morte, a sua mãe faz um voto a São Francisco de Assis para obter a saúde do filho⁶³. Boaventura narra este episódio da sua infância quando fala de Francisco⁶⁴.

Depois deste episódio, não temos outras informações sobre a adolescência de Boaventura. Sabemos apenas que, depois de realizar os primeiros estudos na sua cidade natal, vai para Paris, por volta de 1236-1238⁶⁵, para iniciar os estudos de Filosofia, tendo recebido o grau de mestre em artes, em 1242-1243⁶⁶. Neste período, o aristotelismo começava a entrar no ambiente doutrinal da universidade, o que leva Boaventura várias discussões académicas, ao longo do seu percurso académico.⁶⁷

Terminados os estudos, Boaventura toma então a decisão de entrar na ordem dos frades menores, levado pela gratidão que tinha a São Francisco e pelos exemplos dos seus célebres mestres franciscanos, revestidos da humildade e da simplicidade de Cristo.⁶⁸ Recebe o hábito em Paris⁶⁹, provavelmente, ainda no ano de 1243⁷⁰.

⁶² E não 1221, ano tradicionalmente apontado como do seu nascimento. Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», in ANCILLI, E. (dirigido), *Diccionario de espiritualidad*, I, Editorial Herder, Barcelona, 1983, p. 280.

⁶³ Como é referido na Introdução Geral às Obras de São Boaventura: Cf. BOAVENTURA, *Obras*, I, p. 4.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 5: «*Voto pró me languente gravissime ad Beatum Patrem Franciscum emisso a madre, cum adhuc esse puerulus, ab ipso sum mortis faucibus erutus et in robur vitae incolumis restitutus*» [Quando eu era ainda rapazinho, encontrando-me gravemente doente, minha mãe, fez por mim um voto ao Bem-aventurado Pai Francisco, e por ele fui arrancado das fauces da morte e fui restituído incólume ao vigor da vida.]

⁶⁵ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 280.

⁶⁶ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 280.

⁶⁷ Cf. Como é referido na Introdução Geral às Obras de São Boaventura: Cf. BOAVENTURA, *Obras*, I, p. 5.

⁶⁸ Cf. Como é referido na Introdução Geral às Obras de São Boaventura: Cf. BOAVENTURA, *Obras*, I, p. 6.

⁶⁹ Cf. VANDENBROUCKE, François - *Storia della Spiritualità - La spiritualità del Medioevo*, 4/B, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna 1991, p. 138 ; *Obras de San Buenaventura*, edicion bilingue, I, BAC, Madrid 1955, p. 7.

⁷⁰ Não há perfeito acordo entre os autores sobre a data de entrada do Santo Doctor na Ordem.

Estuda teologia e estudos franciscanos no convento em Paris, durante os anos de 1243 a 1248, tendo como *magister* Alexandro de Hales e outros mestres franciscanos⁷¹. Obtém o doutoramento em 1253, mas só mais tarde, a 12 de Agosto de 1257, recebe o título, num contexto de conflito entre a Universidade de Paris e as Ordens Mendicantes⁷². Há notícia que leccionou em Paris, entre 1248 e 1252, como bacharel, sucedendo, depois de 1253, a Guilherme Melitona como mestre regente.⁷³ Após a resolução do conflito entre a Universidade e os Mendicantes, em torno de 1257, Boaventura recebe o doutoramento, bem como o reconhecimento oficial da universidade, exercendo actividades de acordo com grau académico de que estava investido, como por exemplo a *determinatio* na disputa de questões.⁷⁴

Em Fevereiro de 1257, realiza-se o Capítulo Geral da Ordem em Roma, onde foi eleito como ministro geral, com a votação unânime de todos os capitulares, notícia que recebe em Paris, onde se encontrava ocupado com os seus trabalhos escolásticos. Aceitou este cargo desde o primeiro momento e escreveu uma carta oficial dirigida a toda a Ordem.⁷⁵

Viaja depois para Itália, para se apresentar ao Papa Alexandre IV, onde tratou de vários assuntos referentes à Ordem. Seguem-se várias viagens através da Europa, contactando com as diversas províncias da Ordem.

⁷¹ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 280.

⁷² Como é referido na Introdução Geral às Obras de São Boaventura. Não há duvida que em Paris, as ordens mendicantes tiveram uma situação incómoda pela oposição e antipatia que encontraram no ambiente universitário. Esta situação veio a complicar-se a partir de 2 de Fevereiro de 1252, quando a Universidade de Paris limita as cátedras às ordens mendicantes. Os Dominicanos contestaram mas os Frades Menores aceitaram as imposições, ate ao ano de 1253, em que se restabelece a paz com os Frades Menores segundo o desejo de Inocêncio IV, manifestado nas suas cartas de 1 de Julho e 26 de Agosto de 1253. Cf. BOAVENTURA, *Obras*, I, pp. 9-10; Cf. ainda como é referido na Introdução Geral às Obras de São Boaventura. Cf. BOAVENTURA, *Obras*, I, p. 9 ; BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 280.

⁷³ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 280.

⁷⁴ Cf Como é referido na Introdução Geral às Obras de São Boaventura.: BOAVENTURA, *Obras*, I, p. 10.

⁷⁵ Cf. Como é referido na Introdução Geral às Obras de São Boaventura: BOAVENTURA, *Obras*, I, p. 12.

O seu governo não tardou em dar bons frutos⁷⁶: a vida espiritual e a disciplina adquiriram um aperfeiçoamento poucas vezes alcançado; os estudos adquiriram um florescimento e desenvolvimento em todos os ramos do saber; promoveu diversas actividades, como o ministério pastoral, a pregação, o apostolado missionário, em prol das cruzadas e da união com a Igreja grega.

Dando provas da sua sabedoria, prudência e grande equilíbrio, necessários num momento particularmente difícil da vida da Ordem, Boaventura merece o título de “segundo fundador” da Ordem franciscana, pela fidelidade ao espírito de Francisco de Assis.⁷⁷

A 28 de Março de 1273, Boaventura foi nomeado cardeal e bispo de Albano, após ter renunciado em 1265 à arquidiocese de York, que lhe tinha sido atribuída. Em 1274, assiste à celebração do II Concílio Ecuménico de Lyon, do qual dirigiu os trabalhos preparatórios, esforçando-se arduamente pela união com os gregos. A 7 de Julho de 1274, adoece gravemente e morre no dia 15 desse mesmo mês, dois dias antes de terminado o Concílio, sendo sepultado na igreja de São Francisco de Lyon. Foi Canonizado por Sisto IV, em 1482, e proclamado Doutor da Igreja por Sixto V, juntamente com Tomás de Aquino, a 14 de Março de 1588.⁷⁸

2.2. A obra

Segundo V. Breton, Boaventura é um dos autores mais fecundos da Igreja latina, e «...um dos mais literariamente perfeitos».⁷⁹

⁷⁶ Cf Como é referido na Introdução Geral às Obras de São Boaventura: BOAVENTURA, *Obras*, I, p. 13.

⁷⁷ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 280.

⁷⁸ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 281.

⁷⁹ BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 281.

A nobre visão que tinha da vida religiosa levou-o a realizar o ideal de perfeição evangélica da regra franciscana, como se pode descobrir nos seus escritos espirituais. Neles demonstra todo o seu ardor de caridade para com Cristo (principalmente na expressão dos sentimentos da alma frente à dolorosa Paixão do Senhor)⁸⁰; neles não se limita apenas a expor teorias e doutrinas, mas sublimes experiências místicas com Deus: «...para a escola franciscana de São Boaventura, a teologia não era bem uma disciplina do intelecto, mas um guia da alma para a visão espiritual e a união estática.»⁸¹

A leitura das suas obras não revela apenas «...a tranquila meditação do escritor que escreve e resolve os problemas da ascese e da mística cristã, mas uma alma plenamente possuída pelos elevadíssimos sentimentos que através da pena vai gravando no papel.»⁸².

Podemos afirmar que não chegaram ao nosso conhecimento todas as obras de Boaventura, como afirmam os estudiosos nesta matéria.⁸³ Contudo, podemos contar entre as obras autênticas cerca de setenta e cinco: de índole filosófico-teológico, exegético, ascético e textos oratória.⁸⁴

Os editores de *Quaracchi* distribuíram em cinco grupos os textos do autor:

- a) Obras teológicas: *Commentarii in IV Libros sententiarum*, de 1250-1253; *Quaestiones disputatae: De scientia Christi, De mysterio Trinitatis, De Perfectione evangelica*, de 1254-1256; *Itinerarium mentis in Deum*, de 1256, obra de conteúdo também filosófico e místico; *De reductione artium ad theologiam, Collationes: De praeceptis*, de 1267,

⁸⁰ Como é referido na Introdução Geral às Obras de São Boaventura. Cf. BOAVENTURA, *Obras*, I, p. 7.

⁸¹ AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja*, p. 265.

⁸² Cf. BOAVENTURA, *Obras*, I, p. 8.

⁸³ Cf. Como é referido na Introdução Geral às Obras de São Boaventura: BOAVENTURA, *Obras*, I, p. 32.

⁸⁴ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 281.

De donis Spiritus Sancti, de 1258 e *In Hexaëmeran*, de 1273; e vários sermões: *Sermones selecti de rebus theologicis*.⁸⁵

- b) Obras exegéticas: *Commentarii in Librum Ecclesiastis, Sapientiae, in Evangelium Ioannis, Collationes in Evangelium Ioannis, Commentarii in Evangelium Lucae*.⁸⁶
- c) Obras espirituais: *De Triplici Via; Soliloquium de quattuor mentalibus exercitiis; Lignum vitae; De V festiuitatibus Pueri Iesu; Tractatus de praeparatione ad missam; De perfectione ad sorores; De regimine animae; De sex alis seraphim; Officium de Passione Domini; Vitis mystica; Tractatus de plantatione Paradisi e Sermones de re mystica* entre outros sermões.⁸⁷
- d) Escritos relacionados com a ordem: cerca de quinze escritos franciscanos, entre os quais: as *Cartas circulares*; as *Constitutiones narbonenses*, de 1260; a *Expositio Regulae*, de 1257 ou 1269; a *Apologia pauperum*, de 1270; *Epistola de imitatione Christi*; *Legenda maior S. Francisci* e a *Minor*, de 1260-1262.⁸⁸
- e) Sermões: *Sermones de tempore* (336); *Sermones de sanctis* (74); *Sermones de B. V. Maria* (27) e os *Sermones de diversis* (3).⁸⁹

Não podemos deixar de referir que foram atribuídas ao longo dos séculos a Boaventura numerosas obras apócrifas. Os editores de *Quaracchi* referem 108 obras, entre as quais se encontram as *Meditationes Vitae Christi*, que eram atribuíram a Juan

⁸⁵ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 281.

⁸⁶ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 281.

⁸⁷ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», pp. 281-282.

⁸⁸ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 282.

⁸⁹ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 282.

de Caulibus, e que incorporam as *Meditationes de Passione Iesu Christi*, atribuídas Doutor seráfico, e que analisamos mais adiante.

Depois da edição de *Quaracchi*, estudiosos atribuídas a Boaventura foram por vários ainda cerca de vinte obras. Destacam-se: *Reportatio*; *Quaestiones de orationes*; *Quaestiones disputatae de veritate et de novissimis*; *In Coena Domini* e *Meditationes de Passione Christi*.⁹⁰

Podemos concluir que a toda a obra literária de Boaventura se orienta para numa síntese entre a filosofia e a contemplação, na perspectiva da teologia mística⁹¹, em que «todos os homens são chamados a uma contemplação sapiencial»⁹².

3 A Paixão nas obras *Lignum vitae* e *Meditationes de Passione*

Iesu Christi

3.1. *Lignum vitae*

3.1.1. Autoria e estrutura da obra

A obra *Lignum vitae* não encontra dificuldades na sua atribuição a Boaventura, os vários editores foram ao longo dos séculos unânimes em admitir a autoria do Doutor Seráfico. O texto é conservado por mais de 175 códices, elencados pelos editores de

⁹⁰ Cf. BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», p. 282.

⁹¹ Cf. IRIARTE, L., *Historia franciscana*, p. 152.

⁹² IRIARTE IRIARTE, L., *Historia franciscana*, p. 154.

Quaracchi, e a índole do livro mostra claramente os rasgos da fisionomia doutrinal e literária de Boaventura.⁹³

O título *Lignum vitae*, pelo qual a obra é conhecida, não aparece em todos os códices e podemos encontrar outros títulos para a mesma obra, como, por exemplo, *Arbor crucis*, *Tractatus de arbore crucis*, *Contemplatio de passione Domini* e *Fasciculus myrrhae*.⁹⁴ Este último título advirá certamente das palavras com que o autor se refere ao seu trabalho no prólogo: «...dei-me ao trabalho de juntar este pequenino molho de mirra...»⁹⁵ - imagem presente no Cântico dos Cânticos (cf. Ct.1,13).

O título que actualmente é mais usado nas edições críticas é *Lignum vitae*, certamente inspirado em Apocalipse (22, 1-2). Uma gravura, de traços mais ou menos artísticos, aparece frequentemente nos códices, desde os mais antigos, apresentando o esquema do opúsculo. Representa Jesus Cristo crucificado numa cruz figurada por uma árvore com ramos, folhas, flores e frutos⁹⁶. A gravura está presente nos códices do séc. XIII, isto ainda em vida de Boaventura, o que mostra que os copistas a consideravam parte integrante do original.⁹⁷ Isto mesmo é-nos confirmado pelas palavras do autor no prólogo: «Como a imaginação favorece a compreensão, os poucos temas que coligi dum assunto vastíssimo, ordenei-os e dispu-los como formando uma árvore imaginária.»⁹⁸.

Conhecedor da psicologia humana, Boaventura declara que, para ajudar a inteligência a compreender a doutrina deste tratado, se serve da memória, e que pelos sentidos deseja gravar nela a imagem de uma árvore, com os mistérios da origem e vida, paixão e glorificação de Jesus Cristo.⁹⁹ O autor deixa entender explicitamente que o

⁹³ Cf. Conforme a introdução de *Lignum Vitae*: BOAVENTURA, *Obras*, edicion bilingue, II, BAC, Madrid, 1956, p. 281.

⁹⁴ Cf. Conforme a introdução de *Lignum Vitae*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p. 281.

⁹⁵ BOAVENTURA, *A árvore da vida: Meditações cristológicas*, Editorial Franciscana, Braga, 1997, nº1, p. 22.

⁹⁶ Cf. Anexo 1

⁹⁷ Cf. Conforme a introdução de *Lignum Vitae*: BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 282-283.

⁹⁸ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº 2, p. 22.

⁹⁹ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, p. 291.

conteúdo doutrinal deste opúsculo foi sintetizado numa imagem-esquema fácil de conservar na memória, que incluída no início do mesmo, permitia ao leitor uma apreensão mais completa dos conteúdos das meditações apresentadas. A Saber: Doze versículos (em estrofes de quatro versos) distribuem-se pelos três planos em que se divide a árvore, e correspondem aos três mistérios da vida de Cristo: Origem, Paixão e Glorificação.

Cada plano consta de dois ramos que se estendem de um lado e do outro da árvore, cada um destes ramos se bifurca em outros dois, compostos de quatro folhas, um fruto e uma flor. Por sua vez, cada uma das folhas tem um verso, correspondendo cada ramo secundário a uma estrofe. Assim, no primeiro plano encontramos quatro estrofes com dezasseis versos em conjunto, esquema que encontramos igualmente no segundo e terceiro plano.

No conjunto total, temos então doze estrofes com quarenta e oito versos, que correspondem aos temas que se tratam nos quarenta e oito capítulos em que se divide a obra,¹⁰⁰ «...como se fossem passos duma via-sacra. Uma via-sacra, porém, que não se reduz à Paixão, mas que começa na eternidade, na geração do Verbo, na qual, como em grandiosa criação artística, Deus “projectou” e “dispôs todas as coisas” e termina de novo na eternidade, como descrevendo um imenso círculo, que inclui a criação, a redenção e a divinização de todo o Universo.»¹⁰¹

A sequência destes quarenta e oito versos, por sua vez agrupados em doze conjuntos de quatro versos cada um, são, pelo ritmo e rima, como um poema ou hino, que, aliás, aparecem musicados em alguns manuscritos. Como afirma David de Azevedo: «O que, em pinceladas rápidas mas infinitamente radiantes, aparece como uma pintura arrebatadora, torna-se também poesia e música. Para Boaventura, o

¹⁰⁰ Cf. Conforme a introdução de *Lignum Vitae*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p. 285.

¹⁰¹ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, p. 10.

universo, centrado e iluminado por Jesus, é pintura e poema, beleza grandiosa e melodia de astros.»¹⁰²

Além destes elementos artísticos, o autor serve-se ainda dum jogo de números, cheios de grande significado: o 3, que simboliza a Santíssima Trindade, bem como a perfeição; o 4, que designa os pontos cardeais; e o 12, o conjunto dos meses do ano: $3 \times 4 = 12$; e $4 \times 12 = 48$. O resultado final é o seguinte: Deus, o espaço e o tempo.¹⁰³

A imagem é de tal modo representativa e simples, que a partir dela imediatamente o leitor entende qual o conteúdo de *Lignum vitae*; a representação torna-se uma síntese gráfica da obra que se fixa na mente do leitor como um grande poema de redenção.

Boaventura empreende uma luta tenaz contra a vontade do homem, que tende segundo ele a esquecer o grande benefício que vem da Cruz¹⁰⁴. Insiste pois em apresentar estes mistérios, os da Cruz e Redenção, com uma doutrina sólida, clara e insinuante, não apenas num sentido sistemático, mas místico e condutor das almas, querendo encarnar estes mistérios na consciência dos cristãos para que sejam princípio vital, como nos deixa claro no Prólogo: «...compus assim um ramalhete de citações breves e singelas, ordenadas e correlacionadas, a fim de facilitar a memorização, servindo-me de palavras simples, ordinárias e vulgares, para não incorrer no vício do preciosismo e para mais facilmente poder inflamar a devoção e estimular a piedade dos fiéis.»¹⁰⁵

No centro da árvore em forma de cruz está a figura de Cristo crucificado ilustrando simbolicamente o centro da obra, com o qual Boaventura identifica a sua vida, fazendo suas as palavras de São Paulo: «estou crucificado com Cristo» (Gl.2,19). É, de facto, com estas palavras que inicia o prólogo, mostrando que «O verdadeiro

¹⁰² BOAVENTURA, *A árvore da vida*, n.º2, p. 22.

¹⁰³ Cf. Conforme a introdução de *Lignum Vitae*: BOAVENTURA, *A árvore da vida*, p. 11.

¹⁰⁴ Cf. ZEDELGEM, A., *Saggio Storico*, p. 74.

¹⁰⁵ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, n.º2, p. 22.

adorador e discípulo de Cristo, desejando conformar-se perfeitamente com o Salvador...»¹⁰⁶ deverá «...carregar a cruz de Cristo, tanto no espírito como no corpo, de forma a poder aplicar a si mesmo com inteira verdade a referida frase do Apóstolo.»¹⁰⁷

A cruz, para o Seráfico Doutor, é o epicentro do mistério do Verbo encarnado, onde encontra o Universo e toda a História. Assim, deixando de ser apenas um tema religioso, a Cruz torna-se um tema filosófico e metafísico.¹⁰⁸

No Prólogo, a imaginação do autor foi por certo inspirada na visão de Apocalipse, passagem posta em evidência também na gravura:

«Mostrou-me, depois, um rio de água viva, resplendente como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da praça da cidade e nas margens do rio está a árvore da Vida que produz doze colheitas de frutos; em cada mês o seu fruto, e as folhas da árvore servem de medicamento para as nações.» (Ap.22, 1-2.)

Embora não o mencione expressamente, o autor parte certamente desta imagem do Apocalipse, quando se refere não só aos doze ramos que nascem da árvore da vida, onde «...as folhas servem de remédio absolutamente eficaz contra qualquer género de doença, tanto no sentimento de a prevenir como de a curar.»¹⁰⁹, como às flores que «...atraem e reconfortam os corações ansiosos de quem com elas se deseja deleitar.»¹¹⁰; e aos doze frutos «...saborosíssimos e apetitosos para todos os gostos...»¹¹¹, que saciam sem enfiar, os que integram a família de Deus.¹¹²

¹⁰⁶ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº1, p. 21.

¹⁰⁷ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº1, p. 21.

¹⁰⁸ Cf. Conforme a introdução de *Lignum Vitae*: BOAVENTURA, *A árvore da vida*, pp.12-13.

¹⁰⁹ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 23.

¹¹⁰ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, pp. 23-24.

¹¹¹ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 24.

¹¹² Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 24.

Os frutos da árvore encaminham para o único fruto, que Boaventura identifica com a caridade de Cristo, que esteve na Árvore da Cruz, representada no centro da gravura, e presente «...no jardim do paraíso celeste, na mesa de Deus...¹¹³», onde se oferece «...para ser saboreado a todos que o desejem.»¹¹⁴. Podemos ver aqui uma referência ao banquete escatológico do Apocalipse, numa relação com o sacramento da Eucaristia, onde se actualiza o mistério da Cruz e da Redenção e Cristo se oferece em alimento aos fiéis.

3.1.2. Análise da obra

Analisemos agora cada um dos quatro capítulos ou “ramos” da *Lignum Vitae* dedicados ao “mistério do sofrimento” na Paixão de Cristo, expressão máxima da Sua humanidade. Este é o núcleo central da *Lignum Vitae* e de toda a espiritualidade de Boaventura, animada pela identificação com o Crucificado, como já referimos anteriormente.

3.1.2.1. A traição e a oração no horto

No quinto ramo, onde começa a meditação da Paixão, o fruto é a “Confiança nos perigos”. Meditam-se aqui alguns passos da Paixão - Jesus vendido por traição, Jesus prostrado em oração, Jesus cercado pela multidão, Jesus preso e manietado - correspondentes às quatro folhas deste ramo.

Na meditação sobre Jesus vendido por traição, o autor narra os acontecimentos com grande dramatismo. Capta a dor do coração humano, começando por meditar sobre Judas e sobre o plano «...de trair o seu Mestre e Senhor.»¹¹⁵. Após a meditação sobre a

¹¹³ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 24.

¹¹⁴ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, pp. 23-24.

¹¹⁵ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 50.

impiedade de Judas, em contraponto com a bondade de Cristo, identificando com o manso Cordeiro de Deus, citando salmos (41, 10 e 55, 13-14) que cantam a dor do amigo traído pelo amigo.¹¹⁶ Termina a meditação desta folha com a referência ao beijo da traição, citando a Primeira Carta de Pedro (2, 22).¹¹⁷

A meditação seguinte, que corresponde à segunda folha do quarto ramo, tem como título «Jesus, prostrado em Oração»¹¹⁸. Aqui medita-se sobre a “oração no horto”, onde é evidenciada a humanidade de Jesus que sente a angústia da morte iminente. O autor cita neste contexto o Evangelho de Mateus, um dos Evangelhos mais citados nesta obra.¹¹⁹ A meditação desta folha termina com uma oração dirigida a Jesus, citando literalmente Santo Anselmo e o profeta Isaías, onde transparece a intenção de configuração com os sofrimentos de Cristo, manifestação da sua humanidade assumida pelas nossas dores:

«Oh, Jesus, Senhor e Dominador, qual a causa duma ansiedade tão veemente, duma súplica tão angustiada? Não te ofereceste ao Pai em sacrifício totalmente voluntário? Sem dúvida, mas pretendias confirmar a nossa fé na tua humildade, robustecer a nossa esperança nas horas de amarguras de sofrimentos idênticos, e inflamar-nos mais e mais no teu amor. Para isso deixaste transparecer assim a debilidade natural da carne com provas tão patentes, dando a entender que em verdade as dores que sofreste foram as nossas dores (Is. 53,4), e foram elas que provocaram a amargura da Paixão.»¹²⁰

¹¹⁶ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 50-51.

¹¹⁷ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 50.

¹¹⁸ S BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 50.

¹¹⁹ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 50.

¹²⁰ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 52.

Segue-se mais uma folha, a terceira, onde se medita a “prisão de Jesus no horto” e que tem como título «Jesus Cercado por um bando hostil»¹²¹. Começa o autor por justificar que Jesus se encontrava preparado espiritualmente para estes acontecimentos, narrando depois a prisão com o recurso a várias passagens do Antigo Testamento, principalmente dos Salmos (38; 55 e 77), mas também do Cântico das Cânticos (4, 11), bem como uma situação imprecatória do Génesis, quando se refere à maldade dos soldados que prendem Jesus.¹²²

A quarta e última folha deste ramo, «Jesus preso e manietado»¹²³, narra como Jesus foi levado pelos soldados e também a tristeza dos discípulos que assistem aos dramáticos acontecimentos. É citado então livremente o profeta Isaías: «...como se dum ladrão se tratasse, arrastaram para o sacrifício o manso cordeiro, que não preferiu uma só palavra!»¹²⁴. A abordagem deste episódio termina com alusão à amargura e aos remorsos de Judas que o levaram ao suicídio, por não aceitar a misericórdia divina.¹²⁵

3.1.2.2. Jesus é preso e condenado

O sexto “fruto” tem como título «Paciência nas injúrias»¹²⁶, corresponde à segunda parte deste capítulo dedicado ao “mistério do sofrimento” e trata dos passos da Paixão de Jesus, desde a sua prisão até à condenação.

A primeira folha deste ramo: «Jesus desconhecido dos seus»¹²⁷, trata do afastamento dos discípulos e da negação de Pedro. Começa por citar o Evangelho de Mateus (26, 31) e depois continuando fiel a este Evangelho narra a negação de Pedro, a seguida de uma meditação sobre esta negação e sobre aquela que o leitor também faz de

¹²¹ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 52.

¹²² Cf. S BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, pp. 52-53

¹²³ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 53

¹²⁴ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 53.

¹²⁵ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, pp. 52-53.

¹²⁶ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 55.

¹²⁷ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 55.

Cristo, sendo tal como Pedro chamado a deixar-se olhar por Jesus e a chorar amargamente por Sua compaixão e por compunção de si mesmo.¹²⁸

Na “folha” seguinte, medita na cena de Jesus perante as autoridades judaicas e nos insultos que recebeu, coberto por um véu, comparando Jesus a um vil escravo, que tudo aceita «...de semblante absolutamente calmo e em tom delicado, ...»¹²⁹. Quando se refere ao rosto de Jesus, que é maltratado, parece ter em mente a liturgia celeste do apocalipse (Ap 4, 9-10:5,13-14), dando a esta folha o título «Jesus de olhos vendados».

130

«Jesus nas mãos de Pilatos» é o título que nos surge na folha seguinte, que trata da cena de Jesus levado ao tribunal romano e narra a condenação de Jesus e a libertação de um malfeitor: «...pediram a morte para o autor da vida, e a vida em liberdade para um ladrão desordeiro e homicida.»¹³¹.

Na última folha deste ramo, o autor medita em «Jesus condenado à morte» e na forma como Pilatos, por medo, ao ver como os judeus estavam contra Jesus, O entregou para ser flagelado (este é o momento em que o sangue de Jesus começou a ser derramado). Boaventura termina com uma reflexão dirigida directamente ao leitor, em que mostra que este é responsável pelo pecado, exortando-o: «...como não rompes num pranto de lágrimas e suspiros?»¹³² Nesta reflexão final, podemos ver presente a espiritualidade passionista medieval, emocional e dramática, que acompanha toda a obra e que desembocará posteriormente no pietismo.¹³³

¹²⁸ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 55.

¹²⁹ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 56.

¹³⁰ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 56.

¹³¹ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 57.

¹³² S BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 58.

¹³³ Cf. JIMÉNEZ, R. T., «Notas para uma reflexión», pp. 456, 463-465; GARCÍA CORDERO, M., ÁLVAREZ, L. et al., *Historia de la espiritualidad*, I-II, Juan Flors, Barcelona, 1969, pp. 638-639.

3.1.2.3. Jesus flagelado e crucificado

A terceira parte deste segundo capítulo intitula-se «Constância nos suplícios»¹³⁴ e, como todos os outros “ramos”, está dividida em quatro partes, correspondentes às folhas da árvore.

Na primeira folha, «Jesus desprezado por todos»¹³⁵, o autor medita na condenação de Jesus à crucifixão, vestido com um manto escarlate e coroado de espinhos, como «...rei de comédia»¹³⁶. Esta meditação termina com mais uma reflexão retórica, em que se lembra ao leitor: «Desgraçados, sim, três vezes desgraçados aqueles que apesar dum exemplo tão eloquente de humildade, se deixam exaltar pelo orgulho! Esses crucificam de novo o Filho de Deus, o qual é tanto mais digno de ser reverenciado pelos homens, quanto maiores forem os ultrajes que por eles sofreu.»¹³⁷

Na folha seguinte, medita-se brevemente sobre o “caminho do calvário”, não havendo contudo referência nem aos acontecimentos bíblicos, nem à piedade popular. Dá-se apenas a indicação de que conduziram Jesus para um lugar chamado “caveira”, citando o Evangelho de São João (19, 17). Segue-se depois a meditação sobre a crucifixão e a divisão das vestes. A descrição da crucifixão, com recurso a seis verbos - «...arremessam-no brutalmente (...) deitaram-no (...) esticaram-no, puxaram-no, estiram-no (...) perfuraram-lhe mãos e pés...»¹³⁸, embora seja curta, mostra um realismo duro, comparando o corpo de Jesus a uma pele que é esticada.

Segue-se depois uma meditação que é, sobretudo, uma contemplação de Cristo crucificado, onde se revê, sumariamente o itinerário que vai desde a coroação de

¹³⁴ Cf. S BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 59.

¹³⁵ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 59.

¹³⁶ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 59.

¹³⁷ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 60.

¹³⁸ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 60.

espinhos até ao momento da crucifixão. O texto termina citando Job (6,8) e pedindo que Deus realize o bem supremo da identificação com Ele¹³⁹.

Numa outra folha, são meditados os acontecimentos do Calvário, Cristo crucificado é insultado pelos que passavam. O autor afirma que Jesus foi crucificado a uma hora e lugar de grande visibilidade, o que aumentava «...a vergonha, a ignomínia, a desonra e a dor...»¹⁴⁰; o contraste entre a atitude dos amigos que choram e a dos inimigos que o insultam é tocante.

O episódio dos dois ladrões, dá o título também a uma folha: «Jesus no meio dos ladrões»¹⁴¹ atestando que a misericórdia e o perdão de Jesus é também para a alma por mais pecadora que seja.¹⁴²

A última meditação desta parte, intitulada «Jesus dessedentado com fel»¹⁴³, versa sobre a sede de Jesus na cruz, recorrendo ao quarto Evangelho. Ao meditar na bebida amarga que dão a Jesus, a que compara toda a paixão de Cristo, o autor faz contrastar a doçura do fruto proibido saboreado por Adão e que foi causa de condenação do homem, com a amargura do fel provado por Cristo, remédio de Salvação do homem.¹⁴⁴

Mostra então como aqui se cumpre a profecia do Livro das Lamentações (1, 13 e 3, 15), profecia que se cumpre plenamente também em Maria.¹⁴⁵ Saliente-se que, em *Lignum Vitae*, esta é a primeira referência à “desolação de Maria”. Primeiro recorda-se a ternura de mãe para com aquele corpo, enquanto criança, depois aborda-se a sua desolação ao contemplá-lo na Paixão.¹⁴⁶ Neste diálogo com Maria, o autor afirma que a maior dor de Jesus não é a física, mas antes a dor de ver a sua Mãe sofrer. O Autor interpreta com a qual o autor interpreta a expressão «Mulher, eis o teu Filho» (Jo 19,

¹³⁹ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 61.

¹⁴⁰ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 61.

¹⁴¹ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 61.

¹⁴² Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, pp. 62-63.

¹⁴³ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 63.

¹⁴⁴ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 63.

¹⁴⁵ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 63.

¹⁴⁶ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 64.

26) como um «...carinhoso adeus de despedida...»¹⁴⁷, a tentar consolar a dor da mãe, esquecendo-se de si mesmo.¹⁴⁸

3.1.2.4. Jesus trespassado e depositado no túmulo

Na última parte deste terceiro capítulo, que corresponde ao oitavo “fruto” da árvore e tem por título a «Vitória na morte»¹⁴⁹, medita-se, em mais quatro “folhas”, nos últimos momentos da Paixão de Cristo.

Na primeira “folha”, intitulada «Jesus, sol encoberto pela morte»¹⁵⁰, o autor aborda o momento da morte de Jesus, quando o Sol se eclipsa, fazendo um paralelismo entre o «Sol visível» e o «Sol de justiça», que é o próprio Cristo.¹⁵¹ Continua, seguindo os acontecimentos testemunhados pelos Evangelhos de São Mateus e São Lucas. Conclui esta “folha” com uma oração dirigida a Deus Pai, seguida uma meditação dirigida ao leitor que aqui é convidado a considerar quem é Aquele que se encontra na cruz e que o redime.¹⁵²

Na folha seguinte medita-se «Jesus trespassado pela lança», tema dilecto de Boaventura. O Autor mostra como se cumpre nesse episódio a profecia de Zacarias (12, 10) e como o coração trespassado de Cristo se torna fonte e também bebida.¹⁵³

Duas prefigurações do Antigo Testamento são agora aprofundadas pelo autor. A primeira é a “lança de Saúl” (cf. 1Rs. 19, 10): Saúl, cheio de ciúmes do rei David, tenta matá-lo com um golpe de lança, errando o alvo e ficando a lança cravada na parede; agora a parede é o lado de Cristo, nela a lança abriu uma fenda onde a alma pode entrar

¹⁴⁷ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 65.

¹⁴⁸ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, pp. 64-65.

¹⁴⁹ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 67.

¹⁵⁰ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 67.

¹⁵¹ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 67.

¹⁵² Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 68.

¹⁵³ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 69.

e, como a pomba, fazer ninho no coração de Jesus, segundo a prefiguração retirada do Cântico dos Cânticos (2, 14) e do profeta Jeremias (48,28).

Usando esta imagem da pomba, o autor convida então o leitor - «...alma amiga de Cristo!»¹⁵⁴ - a imitar a pomba e o pardal, e a aplicar «...os lábios à chaga aberta no peito de Cristo, ...»¹⁵⁵: pode matar-se a sede neste manancial, que o autor vê como sendo o manancial que está no meio do paraíso e que se divide em quatro braços, segundo o livro do Génesis (2, 10).¹⁵⁶

Na folha seguinte são narrados os acontecimentos finais e culminantes da Paixão, sempre na sua relação com as Escrituras, «Jesus coberto de sangue»¹⁵⁷, constitui com efeito um tema de grande importância na espiritualidade medieval.¹⁵⁸

Aliado ao tema do sangue surge a imagem do “corpo chagado de Jesus”, que o autor compara à túnica. A túnica é aqui considerada uma indumentária ritual de Pontífice, que será «...apresentada ao Pai como prova a reconhecer por ele»¹⁵⁹, e se torna túnica do homem pecador, que desta forma se salva. Aqui o autor cita mais uma prefiguração do Antigo Testamento, a história de José do Egipto, onde os irmãos sujaram de sangue a túnica e a levaram a seu pai Jacob.

Nesta meditação encontramos uma longa citação de Santo Anselmo sobre o mesmo tema da túnica de Jesus e da túnica de José do Egipto, onde também surge uma referência à sinagoga, comparada como a meretriz egípcia.¹⁶⁰ A meditação termina com uma referência a Maria, de cujo corpo foi tecida esta túnica pelo Espírito Santo, rogando

¹⁵⁴ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 69.

¹⁵⁵ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 69.

¹⁵⁶ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 69.

¹⁵⁷ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 70.

¹⁵⁸ Cf. JIMÉNEZ, R. T., «Notas para uma reflexión», p. 468.

¹⁵⁹ BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 70.

¹⁶⁰ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 71.

para que ela interceda unida às Chagas de seu Filho pelo perdão para aqueles que nela se refugiam.¹⁶¹

Na última folha deste capítulo, dedicado ao sofrimento de Cristo, temos ainda a meditação sobre «Jesus sepultado»¹⁶², aqui o autor narra os acontecimentos finais da descida do corpo de Jesus da cruz e a Sua unção e sepultamento. Não é esquecida a importante referência à guarda do sepulcro pelos soldados, bem como às piedosas mulheres e a Maria Madalena, que compraram unguentos para voltar ao sepulcro. É assim preparada a meditação sobre a Ressurreição que se situa já fora do âmbito nosso trabalho.¹⁶³

A longa contemplação da Paixão do Senhor termina com uma oração dirigida ao Bom Jesus, nela Boaventura reconhece-se indigno da Graça Divina e de ter participado nos acontecimentos dolorosos do Senhor, rogando que lhe seja concedido experimentar diante deles os sentimentos de compaixão, tal como a Virgem Maria e a penitente Madalena.¹⁶⁴

¹⁶¹ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 71.

¹⁶² Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, nº3, p. 71.

¹⁶³ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, p. 72.

¹⁶⁴ Cf. BOAVENTURA, *A árvore da vida*, pp. 72-73.

3.2. *Meditationes de Passione Iesu Christi*

3.2.1. Autoria e estrutura da obra

A obra *Meditationes vitae Christi* é, sem dúvida, a que maior difusão alcançou na idade média, com várias edições e uma grande quantidade de códices, tanto latinos como vernáculos. Teve um influxo decisivo na formação da piedade cristã¹⁶⁵, mas também em toda a arte medieval, na literatura e especialmente na mística.¹⁶⁶

O testemunho dos manuscritos e das edições anteriores apresentam recorrentemente as *Meditationes vitae Christi* como sendo obra de Boaventura. Contudo, o problema da autoria é colocado por diversos autores e objectivado na importante edição vaticana do catálogo das obras do Doutor Seráfico.¹⁶⁷

Sabe-se hoje com segurança que as *Meditationes de Passione Iesu Christi* integram uma importante compilação de textos nem todos atribuídos a Boaventura, de acordo com as exigências da crítica histórica, a saber: as *Meditationes vitae Christi*, propriamente ditas, intercaladas com dois outros escritos - *De Ministerio Martae et Mariae* ou *Tractus de vita contemplativa* e as *Meditationes de passionibus Iesu Christi*.¹⁶⁸

Em virtude da crítica interna e externa dos códices disponíveis pode-se chegar ainda à conclusão que as *Meditationes vitae Christi* foram escritas originalmente em italiano por um franciscano do convento de Monte Alvernia (Itália) chamado Jacobo de Cordone¹⁶⁹ e só depois traduzidas em latim.

¹⁶⁵ Cf. ZEDELGEN, A., *Saggio Storico*, p. 75; SÁNCHEZ HERRERO, J., «Piedad y artes plásticas. La devoción a la preciosa Sange de Cristo durante los siglos XIII a los primeros años del XVI y su influencia en las manifestaciones artísticas», in *Actas do colóquio internacional Piedade popular: Sociabilidades, representações, espiritualidades*, Terramar, Lisboa, 1999, p. 421.

¹⁶⁶ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p. 735; SÁNCHEZ HERRERO, J., «Piedad y artes plásticas.», p.421.

¹⁶⁷ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p. 736.

¹⁶⁸ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p. 737.

¹⁶⁹ Cf. ZEDELGEN, A., *Saggio Storico*, p. 75.

Alguns autores são unânimes em afirmar que a diferença de estilo e o modo diverso de usar as fontes nas distintas partes desta compilação negam a paternidade de Boaventura¹⁷⁰.

Um dos textos que integram as *Meditationes vitae Christi* intitulado *Meditationes de Passione Iesu Christi*, constituiu na origem um escrito totalmente independente dos outros da compilação; a diversidade de métodos mostra que não podem ser dum mesmo autor. No segundo capítulo das *Meditationes de Passione Iesu Christi*, o autor declara que segue um método objectivo, fundado exclusivamente nas Escrituras, nos Santos Padres e nas opiniões aprovadas, no que se refere à Paixão do Senhor.¹⁷¹ Diferentemente, o autor das *Meditationes vitae Christi* afirma seguir um método subjectivo ao longo de todo o seu tratado, que além das Escrituras tem também em conta o que a imaginação pode construir.¹⁷² Os métodos distintos podem revelar que as obras possam ter sido escritas por mãos distintas.

Além dos métodos usados também as fontes citadas nos sugeram diferentes autorias. As *Meditationes Vitae Christi* estão intercaladas com longas citações de São Bernardo, mas quando se chega ao capítulo que inicia as *Meditationes de Passione Iesu Christi*, elas desaparecem, só voltando a surgir depois de terminada a meditação da Paixão. Se exceptuarmos algumas citações de Santo Agostinho e uma de São Beda¹⁷³,

¹⁷⁰ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p.737.

¹⁷¹ BOAVENTURA, *Obras*, II, p.762. «*Non enim in hoc opúsculo aliquid affirmare intendo, quod non per sacram Scripturam vel dicta Sanctorum vel opiniones approbatas affirmatur, vel dicitur*» [Porque no intento en este opúsculo afirmar cosa alguna que no se diga o se afirme por la Sagrada Escritura, o por dichos de los Santos opiniones aprobadas.]

¹⁷² Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p.738.

¹⁷³ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.804-805: «*De hoc monumento dicit Beda, quod fuit domus rotunda, de subiacente rupe excisa, tantae altitudinis, ut vix homo manu extenta culmen posset attingere, introitum habens ab oriente: in parte vero aquilonari locus Dominici corporis de eadem petra factus est, septem pedes habens longitudinis.*» [Beda dice de este sepulcro “que era una cavidad redonda hecha en la roca, de tanta altura, que un hombre com la mano extendida a lo alto apenas podia tocar la parte de arriba. La entrada estaba al oriente, y al norte el lugar donde fué puesto el cuerpo del Señor. Este lugar fué hecho de la misma piedra y tenía siete pies de longitud.]

as *Meditationes de Passione Iesu Christi* usam somente as Sagradas Escrituras, o que contrasta plenamente com o método com as *Meditationes Vitae Christi*.¹⁷⁴

Para determinar o verdadeiro autor das *Meditationes de Passione Iesu Christi* foi realizada uma investigação de fundo de toda a tradição manuscrita desta compilação, a partir de 217 códices.

De entre os códices latinos (língua em que originalmente foi escrita a obra), foram encontrados 19 que conservam somente este tratado, de forma isolada. Destes 19 códices, apenas 14 são atribuídos expressamente a Boaventura, remontando alguns deles ao século XIV. Conservam-se ainda vários códices das *Meditationes de Passione Iesu Christi* traduzidos para línguas vernáculas.¹⁷⁵

Para além da questão dos códices, que constitui um argumento decisivo em relação à autenticidade desta obra, existe ainda um outro argumento que nos confirma a possível atribuição a Boaventura: a afinidade estreita que existe entre as *Meditationes de Passione Iesu Christi* e o *Officium de Passione Domini*.¹⁷⁶

De facto, as *Meditationes de Passione Iesu Christi* seguem a mesma estrutura do *Officium de Passione Domini*, pois os vários capítulos são distribuídos segundo a ordem das horas canónicas do Ofício Divino. Os temas tratados em cada capítulo adaptam-se aos mistérios da Paixão de Cristo e à hora do Ofício Divino correspondente.¹⁷⁷

Destinados à devoção dos fiéis, estes escritos completam-se e neles se detecta o desejo ardente e um esforço, digno do autor, para infundir nos crentes a devoção à Paixão do Senhor, alicerçando a piedade cristã nos sofrimentos de Cristo e na sua Paixão, que elevam, sustêm e revigoram os sofrimentos dos humanos.¹⁷⁸ Enquanto o *Officium de Passione* relembra, nas diversas horas canónicas do dia, os sofrimentos de

¹⁷⁴ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p.739.

¹⁷⁵ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p.739.

¹⁷⁶ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p.739.

¹⁷⁷ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p.739.

¹⁷⁸ Cf. ZEDELGEM, A., *Saggio Storico*, p. 74.

Cristo, elevando assim o espírito do leitor a louvar e dar graças por meio da oração da hora respectiva, as *Meditationes de Passione Iesu Christi*, paralelamente à hora canónica, vão alimentando a contemplação dos diferentes passos da Paixão do Senhor.

179

Nas *Meditationes de Passione Iesu Christi*, o autor propõe-se seguir como princípios: a autoridade da Sagrada Escritura, os Padres da Igreja e as opiniões aprovadas dos teólogos, como adverte no segundo capítulo.¹⁸⁰

Isto não impede o autor de tecer devotas considerações que, por vezes, surgem na boca de algumas personagens em cenas impregnadas de dor, como o próprio Jesus Cristo, a Virgem Maria e Maria Madalena, entre outras.¹⁸¹ Em muitas falas reencontramos aquilo que os profetas e os salmos haviam já declarado alguns séculos antes, como expressão autêntica dos sentimentos dolorosos da Paixão de Cristo.

3.2.2. Análise da obra

3.2.2.1. A última ceia

O primeiro capítulo começa com as cenas preparatórias da Paixão, desenroladas no Cenáculo durante a “Ceia”: a «ceia corporal»¹⁸²; o lava-pés aos discípulos; a instituição do Sacramento da Eucaristia; e o sermão aos discípulos sobre o mandamento do amor.¹⁸³

¹⁷⁹ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p. 741.

¹⁸⁰ Obras BOAVENTURA, *Obras*, II, p.762: «*Non enim in hoc opúsculo aliquid affirmare intendo, quod non per sacram Scripturam vel dicta Sanctorum vel opiniones approbatas affirmatur, vel dicitur*» [Porque no intento en este opúsculo afirmar cosa alguna que no se diga o se afirme por la Sagrada Escritura, o por dichos de los Santos u opiniones aprobadas.]

¹⁸¹ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p. 746.

¹⁸² Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.748-749.

¹⁸³ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.748-749.

Este primeiro capítulo, que não se relaciona com nenhuma hora canónica da liturgia, é de algum modo um capítulo preparatório antes da meditação da Paixão. O autor começa este capítulo dando a noção do tempo, não cronológico, mas da clemência e da misericórdia do Senhor, tempo que Ele havia determinado para salvar o seu povo e redimi-lo¹⁸⁴. É o tempo em que o Senhor quis celebrar a ceia com os seus discípulos, antes de se separar deles. O autor classifica esta ceia como um sinal de memória e perpetuidade, para cumprir os mistérios reservados para este momento.¹⁸⁵

De seguida, são dadas instruções ao leitor para que a contemplação das cenas seja feita com suma atenção a todos os detalhes, pois assim o Senhor não nos deixará em jejum.¹⁸⁶

Seguidamente, as meditações abordam os quatro momentos da Ceia, que acima se indicaram.

No primeiro momento, a que o autor franciscano chama «ceia corporal», é narrada a preparação da ceia. As meditações seguem aqui os Evangelhos, principalmente de Mateus e Lucas, cruzando simultaneamente as informações dos outros Evangelhos.¹⁸⁷ Para além disso são ainda fornecidas informações que não estão nos Evangelhos, como por exemplo, a presença de alguns dos setenta e dois discípulos que ajudaram na preparação da Ceia, de acordo com a *Legenda Sancti Martialis*, como indica o autor.¹⁸⁸

¹⁸⁴ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.748-749: «Adveniente iam et imminente tempore miserationum et misericordiarum Domini Iesu, quo disposuerat salvam facere plebem suam et eam redimere...» [Aproximándose ya y llegando el tiempo de la clemência y de las misericórdias del Señor, tiempo en que había determinado salvar a su pueblo y redimirlo...]

¹⁸⁵ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.748-749: «...in signum memoriale recordationis, ac etiam ut completeret mysteria, quae restabant complenda.» [...en señal de memoria y perpetuidad, así como también para cumplir los mistérios reservados para esto momento.]

¹⁸⁶ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.748-749: «Ad quae intuenda te cum summa attentione praesentem exhibe: quia si hoc digne et vigilanter feceris, non patietur te curialis Dominus redire ieiunam.» [Para cuya contemplación considérate com suma atención presente a todas estas cosas, pues si lo haces com cuidado y diligencia, el magnífico Señor no te dejará volver en ayunas.]

¹⁸⁷ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.748-749.

¹⁸⁸ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.751-752.

Sobre a ceia são feitas considerações, bastantes pormenorizadas, que ajudam o leitor a meditar a cena, por exemplo, a forma como estava a mesa ou como estavam sentados e distribuídos os apóstolos, tornando possível uma dramatização ou representação na imaginação do leitor. No que se refere à descrição da mesa, percebemos como eram relevantes, nesta época, as relíquias da Paixão do Senhor, veneradas em muitos centros de peregrinação, quer na Europa, quer na Terra Santa. O próprio autor refere que ele próprio viu na Igreja de São João de Latrão, em Roma.¹⁸⁹ Estas considerações e descrições tiveram grande desenvolvimento quer na escultura e na pintura medieval, quer na piedade popular e devocional da época.

Uma outra consideração bastante sugestiva, no texto em estudo, é sobre a forma como foi servido o cordeiro pascal. Aqui descreve-se a cena de duas formas diferentes sobre as quais o leitor pode meditar: uma em que os apóstolos estão sentados à mesa, e uma outra em que estão de pé, com os báculos nas mãos, observando a lei judaica.¹⁹⁰

Segue-se a meditação sobre o anúncio da “traição do Senhor”, onde o Discípulo Amado se reclina sobre o peito de Cristo, conforme o Evangelho de João. Esta é uma meditação sobre os contemplativos, aqui representados pelo Apóstolo, recorrendo o autor a Santo Agostinho e a exemplos da vida de São Francisco de Assis.¹⁹¹

O “Lava-pés” é meditado pelo autor das *Meditationes*, segundo o Evangelho de João. Enquanto é narrada a cena, vai-se comentando a humildade do Senhor, nomeadamente no lava-pés do traidor Judas¹⁹², cena que incómoda verdadeiramente o leitor.¹⁹³ Devemos ter em atenção que no Evangelho de João não há qualquer referência

¹⁸⁹ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.751-752: «...quam ego vidi Romae in ecclesia Lateranenssi, et ego eammet mensuravi.» [...yo mismo la he visto y la he medido en la iglesia Lateranense, en Roma.]

¹⁹⁰ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 751-752.

¹⁹¹ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, p. 753.

¹⁹² Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 754-755.

¹⁹³ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 754-755: «Sed, o cor nequam et omni durtia durtius, si sic ad tantam humilitatem non emolliris, si sic Dominum maiestates non vereris, si sic usque ipsius semper tibi benefici, semperque innocentis saevis interitum! Sed vea tibi benefici, semperque innocentis saevis interitum! Sed vea tibi, miser: tu quidem obduratus, quod concepisti, parturies; non tamen ipse, sed tu peribis.

ao facto de Jesus lavar dos pés a Judas, além de que o anúncio da traição só é narrado após o lavar dos pés (cf. Jo 13, 1-20).

Seguidamente, o autor sugere que o leitor medite e se esforce por imitar as cinco virtudes que o Senhor deixa na sua última ceia: a humildade, a caridade, a paciência, a obediência e a oração.¹⁹⁴

No terceiro ponto deste capítulo sobre a instituição da Eucaristia, o autor começa por mostrar a razão teológica e simbólica da estrutura da sua meditação sobre a “última ceia”: o fim dos ritos e sacrifícios da Antiga Aliança, aqui apresentada como a «ceia corporal», que dá lugar ao “novo sacrifício”, que é o sacramento da Eucaristia.¹⁹⁵ No final do último parágrafo deste ponto, o autor faz algumas considerações teológicas sobre o Sacramento da Eucaristia e sobre a presença real de Cristo neste Sacramento.

O último ponto deste capítulo, dedicado ao sermão do Senhor aos discípulos sobre o mandamento do amor, é iniciado com a referência à saída de Judas, que vai ao encontro dos soldados para prender Jesus. Seguindo o Evangelho de São João (Jo 13, 27), medita-se em cinco aspectos, em conformidade com o mesmo Evangelho: a separação de Jesus dos discípulos e o conforto destes; a instrução sobre a caridade; a observância dos mandamentos; a confiança contra as tribulações; e por fim a oração dirigida ao Pai (cf. Jo 14 – 17).¹⁹⁶ O capítulo termina com a saída de Jesus e dos discípulos para o jardim das oliveiras. É de referir que, ao longo deste último ponto, o autor vai aumentando a intensidade do dramatismo da cena, quer pela descrição da reacção dos

Admiranda este ergo mérito tanta humilitatis et benignitatis profunditas, etc.» [Oh corazón malvado y más duro que toda dureza, si no te ablandas a vista de tanta humildad, si no te perseveras en tu crueldad hasta traer e la muerte a Aquel que siempre te hizo beneficios y siempre es inocente! Mas ay de ti, miserable! Endurecido y obstinado, parirás lo que concebiste; pêro no perecará El, sino tú. Com razón debemos admirar tanta humildad y tan prodigiosa y profunda benignidad.]

¹⁹⁴ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 754-755.

¹⁹⁵ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, p.757.

¹⁹⁶ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II p. 759.

discípulos ao escutar as palavras de Cristo, quer pela forma como o autor vai manifestando algumas expressões muito marcadas pelo sentimentalismo.¹⁹⁷

No segundo capítulo da obra, antes de se entrar na meditação pormenorizada de cada cena da paixão, o autor começa por fazer uma vista geral do panorama-síntese dos sofrimentos do Senhor em cada um dos momentos da paixão,¹⁹⁸ deixando algumas indicações de como o leitor deve meditar os mistérios, de forma que estes possam ser úteis para a sua transformação no Homem Novo.¹⁹⁹

3.2.2.2. A oração no horto e a prisão

A partir do terceiro capítulo, entramos na meditação das cenas da Paixão do Senhor, seguindo os esquemas das horas canónicas do Ofício Divino. A meditação sobre a “oração no horto” e a “prisão do Senhor” serve de como preparação para a hora das Matinas. O autor começa por dar algumas indicações ao leitor sobre as meditações, considerando-as como breves, mas deixando-lhe a liberdade de as poder desenvolver segundo o que o Senhor lhe der a entender; considera-se ainda que o leitor deve meditar sobre tudo como se estivesse presente²⁰⁰, o que nos mostra bem a dramatização que se procura alcançar.

Ao longo da narração da cena da “oração no horto”, o leitor é convidado a compadecer-se do Senhor e a meditar nas três virtudes que estão presentes nesta cena: a humildade, a obediência e a caridade.²⁰¹

¹⁹⁷ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.751-761.

¹⁹⁸ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p.746.

¹⁹⁹ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.760-762: «*Te ergo hortor hic multum vigilantius totum apponas animum, totamque virtutem: quia hic maxime apparet illa caritas eius quae corda nostra deberet totaliter concremare.*» [Por esto te exhorto que apliques aqui toda tu alma y todas tus fuerzas com atención mucho mayor todavía, porque aqui se manifesta en gran manera aquella caridad que debería abrasar totalmente nuestros corazones.]

²⁰⁰ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.766-767: «*Attende ergo ad singula, ac si praesens esses;...*» [Atiende a cada una de las cosas como si estuvieras presente,...]

²⁰¹ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.766-767.

O autor compõe a primeira oração de Jesus no horto, realizando uma compilação de vários versículos dos Salmos, que são lidos à luz da Paixão de Cristo. São citados os Salmos (7; 21; 34; 39; 54; 68 e 108), mas também as profecias de Zacarias e Jeremias, bem como os Evangelhos de Marcos, Lucas e João.²⁰²

Voltamos a ter neste capítulo uma referência à importância das relíquias e dos lugares da Terra Santa, através do testemunho de um dos irmãos da ordem franciscana que visitou aqueles lugares.²⁰³

Na terceira oração, o autor narra a aparição do anjo, que vem reconfortar Cristo, tal como é referido pelo Evangelho de Lucas (cf. 22, 43). Nas meditações estabelece-se um diálogo entre Jesus e o Anjo, que é identificado como o Arcanjo Miguel, sobre a necessidade do derramamento do sangue de Cristo para a redenção do gênero humano e para a salvação das almas.²⁰⁴ As meditações desenvolvem as quatro vontades de Cristo: a vontade da carne, a vontade natural, a vontade da razão e a vontade divina.²⁰⁵

O capítulo termina com a narração das cenas da traição de Judas, da prisão de Jesus e da Sua condução aos Anciãos, com um vincado dramatismo doloroso, que procura penetrar no íntimo do coração do leitor. Ocorre pela primeira vez uma referência à Virgem Maria que irá ser uma presença constante ao longo de toda a meditação da Paixão de Cristo.²⁰⁶

²⁰² Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.766-769.

²⁰³ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.768-769: «...ut habeo a fratre nostro, qui fuit ibi, et adhuc in ipsis locis sunt vestigia ecclesiarum quae ibi factae fuerunt.» [...como me lo dijo uno de nuestros hermanos que visito aquellos lugares, en los cuales hay aún vestígios de las iglesias que allí se construyeron en otro tiempo.]

²⁰⁴ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.770-771.

²⁰⁵ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.770-773.

²⁰⁶ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.774-777.

3.2.2.3. Jesus perante os tribunais

O autor dedica o quarto capítulo à hora de Prima, meditando na apresentação de Jesus ante os tribunais de Pilatos e Herodes. Descreve aqui as torturas da flagelação e os tormentos da coroação de espinhos. Ao longo das cenas, acentua-se o dramatismo com que Jesus é condenado, colocando na boca das personagens expressões inspiradas nos Evangelhos da Paixão. A mesma fonte bíblica está na base nas exclamações que o autor coloca na boca de algumas personagens, bem como nas orações que dirige a Deus Pai e a Jesus Cristo, como conclusão do relato das cenas.²⁰⁷

É aqui descrito o encontro de Jesus com a Sua Mãe e as Santas Mulheres, acompanhadas por João, sem poderem aproximar-se, detendo-se o autor na troca de olhares realizado entre os intervenientes da cena. O autor considera a dor destes ao verem Jesus, mas refere que a dor de Jesus ao ver o sofrimento dos que O olhavam com amor era muito maior. Note-se que o autor considera sempre a dor de Jesus e a sua compaixão como algo de superior.²⁰⁸

3.2.2.4. Jesus carrega a cruz para o calvário

No quinto capítulo, a meditação para a hora de Tércia, é abordada a condenação de Jesus e as palavras pronunciadas no caminho do Calvário, aqui considera-se e medita-se o estado humilde e doloroso de Cristo, do ponto de vista da sua humanidade e da sua divindade.²⁰⁹

²⁰⁷ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.776-781.

²⁰⁸ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.776-777: «*In isto autem mutuo conspectu, fuit dolor vehementissimus utriusque. Nam ipse Dominus multum affligebatur ex compassione quam habebat ad suos, et maxime erga matrem.*» [El Señor se afligia sobremanera por la compasión que le inspirava los suyos, y principalmente su Madre, pues El sabia que por su causa era tan grande el dolor que sentían, que llegaba hasta arrancarles el alma del cuerpo.]

²⁰⁹ Cf. Conforme a introdução das *Meditationes*: BOAVENTURA, *Obras*, II, p.747.

Antes de entrar na descrição do caminho para o calvário, o autor convida ainda o leitor a meditar nas diversas partes do corpo de Cristo, a fim de que se compadeça mais intimamente e a sua alma possa ser alimentada. Pede então que neste momento o leitor deixe de considerar a divindade de Cristo e O olhe apenas como homem. Para isso, pede a atenção e o esforço do leitor para se mover com compaixão e piedade. Só depois, apela à contemplação da divindade do Senhor.²¹⁰

Curiosa é a descrição que o autor faz da cruz: o madeiro era largo, grosso e pesado. Para ilustrar isto mesmo, refere que vários testemunhos afirmam que a cruz tinha 15 pés de altura. Continua descrevendo o itinerário de Jesus até ao calvário juntamente com os dois ladrões, mostrando que foi identificado como ladrão, e terminando o parágrafo com uma oração dirigida a Cristo, louvando a Sua paciência em ser considerado como ladrão e malfeitor, referindo que assim se cumpre a profecia do cântico do Servo de Isaías.²¹¹

Segue-se a meditação do caminho para o Calvário, nela o leitor é convidado a olhar atentamente tudo quanto possa levá-lo a compadecer-se de Cristo, abatido sob o peso da cruz, no meio de tantos ultrajes. Sobre a Virgem Maria, diz-nos que ela cheia de amargura não podia aproximar-se nem vê-l'O por causa da multidão. Então com João e as outras mulheres, seguiu por outro caminho mais breve de forma a chegar a Jesus. O autor diz-nos que este encontro se realizou fora da porta da cidade, no cruzar dos caminhos, e que foi aí que a Virgem Maria O viu, sob a violência com que era conduzido e viu o grande madeiro, que ela ainda não tinha visto. Para mostrar o dramatismo da cena, o autor refere que não houve diálogo entre os dois, por causa da pressa com que era conduzido para o Calvário.²¹² Possivelmente a piedade popular

²¹⁰ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.782-783.

²¹¹ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.782-783.

²¹² Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.784-785.

bebeu desta meditação, principalmente nas Procissões de Passos.²¹³ Depois é narrada a cena do encontro com as mulheres de Jerusalém, dizendo que esta cena é descrita com mais exactidão nos Evangelhos.²¹⁴

Na meditação seguinte, destaca-se antes de mais o facto de o autor remeter para o percurso exacto do caminho do Calvário, o que mostra como ele era importante nas via-sacras e nas procissões daquela época.²¹⁵ Novamente, afirma que um irmão que esteve naqueles lugares é testemunha de que ainda há restos de igrejas ao longo do caminho, que assinalam os lugares destes acontecimentos²¹⁶. Além de mencionar as ditas capelas de Jerusalém²¹⁷, menciona que este caminho era traçado com as mesmas distâncias, em muitas cidades.²¹⁸ Isto mostra-nos que, ao longo do percurso entre o Pretório e o Calvário, existia já uma “via-sacra”, o que se prova também pelo testemunho de outros peregrinos, como é o caso Egéria ou Etéria, que narra o costume dos peregrinos recordarem o caminho de Jesus levando a Cruz até ao calvário.²¹⁹

Depois desta referência ao próprio percurso, é narrada a cena bíblica do Cireneu requisitado para levar a cruz de Jesus. É de notar que nas meditações o autor não nos diz que este homem é cireneu, nem nos refere o seu nome: tal informação é dada pelos

²¹³ Cf. TELES, J. C., *A Paixão de Cristo na Devoção popular lisboeta*, Rei dos Livros, Lisboa, 1999, p. 23; GERALDES, J. A., *Mitos e Ritos da Paixão: A Quaresma, a Semana Santa e a Misericórdia de Proença-a-Velha*, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova, 2004, pp.110-112.

²¹⁴ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.784-785.«...sicut in Evangelio plenius continetur.» [...según se dice com más extensión en el Evangelio.]

²¹⁵ Cf. MASSARA, M. F., *Santuário do Bom Jesus do Monte*, Confraria do Bom Jesus do Monte, Braga, 1988, pp. 23-25.

²¹⁶ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.784-785: «*Et in His duobus locis apparent vestigia ecclesiarum adhuc quae ibi factae sunt in memoriam hominum, ut habui a fratre nostro qui vidit.*» [Y en estos lugares se vem aún los restos de las iglesias que allí fueron construídas para recuerdo de las generaciones, como me lo dijo uno de nuestros hermanos que estuvo en aquellos lugares.]

²¹⁷ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.784-785: «*Qui etiam dicit, quod mons Calvariae, ubi fuit Christus crucifixus, distabat a porta civitatis, quantum locus noster a porta Santi Germani.*» [El mismo Hermano dijo que el monte Calvario, en donde Cristo fué crucificado, distaba de la puerta de la ciudad cuanto este nuestro convento de la puerta de san Germán.]

²¹⁸ Tal como viria a acontecer em Lisboa, entre a igreja de S. Roque e o convento dos Agostinhos da Graça, por influência de Sevilha, onde havia sido introduzido a partir de Jerusalém. Alem deste percurso, depois reproduzido para outras localidades, também no convento dos Carmelitas do Buçaco havia uma via-sacra com as mesmas distâncias de Jerusalém. Cf. TELES, J. C., *A Paixão de Cristo*, pp. 28, 31; MASSARA, M. F., *Santuário do Bom Jesus*, pp. 23-25.

²¹⁹ Cf. ETÉRIA, *Peregrinação: liturgia e catequeses em Jerusalém no século IV*, 2ª Ed, Vozes, Petrópolis, 2004, pp.103-110.

Evangelhos. Diz apenas que os soldados obrigaram um homem a levar a cruz de Jesus, porque Jesus já não conseguia levá-la devido ao cansaço.²²⁰ Termina afirmando que todas estas coisas são motivo não só para mover a compaixão, mas também para produzir a “pena viva”.²²¹

3.2.2.5. A crucifixão de Jesus

O capítulo sexto, que o autor faz corresponder à hora de sexta, é dedicado à chegada ao Monte Calvário, onde propõe que o leitor fixe a sua alma, particularmente no que fazem contra o Senhor, como se estivesse presente em pessoa. O autor segue com a descrição dos vários preparativos para a crucificação. Neste âmbito descreve Cristo a ser despojado da suas vestes, momento em que a Sua mãe vê, pela primeira vez, o corpo chagado do filho, sublinando o sentimento de tristeza que sentido por ela. Para acentuar mais a crueldade dos executores, o autor diz-nos que Cristo ficou completamente nu, sem os panos da honestidade.²²² Refere aqui que a Mãe se aproxima do Filho e cobre a sua nudez com o véu da cabeça, sem trocar palavras.

Depois desta cena apócrifa, o autor refere como foi crucificado Jesus, descrevendo os dois modos de crucificar usados na época deixando ao critério do leitor meditar sobre o que mais lhe agrade. Relativamente à primeira forma primeira forma de crucificação, o autor diz que a cruz já estava cravada na terra e que havia uma escada do lado direito e outra do lado esquerdo por onde subiram os que pregaram as mãos de Jesus que foi obrigado a subir para a cruz por uma terceira escada. É também por esta

²²⁰ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.784-785.

²²¹ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.784-785: «*Certe sic puto, et ad compassionem facientia motiva, quinimo valde inferentia passionem.*» [Así lo juzso com toda certeza y que todas estas cosas son motivos no solo para mover a compasión, sino también para produzir viva pena.]

²²² Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.786-787: «*...quod videt eum totaliter nudum.nam et ei Nec femoralia dimisserunt.*» [...por velo completamente desnudo, pues no le dejaron ni aun los paños de la honestidad.]

que sobe aquele que prega os pés de Jesus. No momento em que Jesus sobe para a cruz e abre os braços, o autor coloca na Sua boca uma oração dirigida ao Pai, com uma grande densidade soteriológica: Jesus oferece-se ao Pai como sacrifício pela expiação da humanidade.²²³

A segunda forma de crucificação que é referida menciona que a cruz estava colocada sobre a terra, nela o corpo de Jesus foi estendido e só depois cravado no madeiro, sendo posteriormente levantado. O autor diz que neste momento se viram todos os ossos do Senhor, cumprindo-se as profecias contidas no salmo (21, 18). Refere-se aqui o sangue que corria para todas as partes “como rios”, o que nos lembra a descrição dos rios do Templo na profecia de Ezequiel (47, 1-9).

Depois de descritas as duas formas de crucificação, a narrativa continua com a crucifixão entre os dois ladrões, os insultos e blasfêmias com que foi ofendido e a divisão das vestes pelos soldados, conforme o Evangelho de Mateus.²²⁴

Tal como é recorrente em passagens anteriores, o autor termina a meditação para a hora sexta fazendo referência à Virgem Maria, que esteve presente em todos estes momentos, descrevendo a dor e amargura que acrescentou à Paixão de seu Filho, como se estivesse também crucificada juntamente com Ele e tivesse preferido acompanhá-lo na morte do permanecer viva.²²⁵

²²³ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.786-787: «*Ecce hic sum, Pater mi, usque ad crucem me humiliari voluisti pro amore et salute generis humani: placet, accepto, et pró eis me tibi offero quos dedisti mihi et fratres esse voluisti. Accepit igitur et tu, Pater, et diceps placabilis esto mea more et omnium maculas veteres absterget melonga ab eis: me pró eis tibi offero, Pater.*» [Aquí estoy, Pater mio; has querido que yo fuese humillado. Me place: yo acepto y me ofrezco a Ti por ellos, pues me los has dado y quisiste que sean mis hermanos. Acepta también Tú, Pater mio, este sacrificio y sé propicio desde ahora por amor de mí. Limpia las antiguas manchas de todos y aléjalas de ellos, porque me ofrezco por ellos a ti, oh Pater mio!]

²²⁴ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.788-789.

²²⁵ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.788-789: «*Isa cum filio pendebat in cruce; et potius elegit mori cum ipso quam amplius vivere.*» [Estaba ella suspendida con su Hijo en la cruz, y hubiera escogido mejor morir con El que vivir por más tiempo.]

Uma referência importante, neste parágrafo dedicado a Maria, é a presença quer da temática quer de frases²²⁶ do hino franciscano *Stabat mater*²²⁷. Podemos perguntar-nos se este hino era já conhecido pelo autor, ou se, pelo contrário, este capítulo serviu de inspiração ao hino.

Sublinhando a dor de Maria ao contemplar Jesus crucificado, o autor coloca-a numa atitude de súplica ao Pai pelo Seu filho e coloca igualmente Jesus a Orar ao Pai pela sua Mãe.²²⁸ A meditação termina com as personagens junto à cruz: Nossa Senhora, João, Madalena e as duas irmãs de Maria (Maria, mãe de Tiago, e Salomé) e acompanhadas de mais algumas mulheres.²²⁹

3.2.2.6. As palavras de Jesus na cruz e a sua morte

Na última hora menor da liturgia, a hora de Noa, o autor medita na morte de Jesus, antes de entregar o Seu Espírito. Medita nas Suas sete últimas palavras na cruz, que se encontram ao longo dos Evangelhos da Paixão; considera-as como os últimos ensinamentos de Cristo, de grande importância para os leitores. A partir da sétima palavra, em que Jesus entrega o Seu Espírito ao Pai, o autor narra a morte de Jesus e a Sua amargura, a dor daqueles que, com Maria, estavam junto à cruz e ali permaneciam, bem como conversão do Centurião.²³⁰

Termina este capítulo em jeito de resumo das três sequências dedicadas às horas de Sexta e Noa, que foram reservadas para a meditação da crucificação de Jesus. Nele o

²²⁶ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.788-789: «*Stabat mater iuxta crucem eius,...*» [Estaba la Madre junto a la cruz del Hijo.]

²²⁷ O *Stabat Mater* é uma *sequência* do Séc. XIII atribuída a Jacopone da Todi (1220 -1306), embora haja muita controvérsia a respeito de sua autoria. Em 1278, fez votos de irmão leigo junto aos Frades Menores, depois da morte da sua esposa e de viver durante dez anos como asceta ambulante franciscano. Entre os franciscanos, descobriu seu pendor pela poesia. Cf. <http://bragamusician.blogspot.com/2009/06/rossini-e-seu-stabat-mater.html> 14-5-2011, 11:48.

²²⁸ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.788-790.

²²⁹ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.790-791.

²³⁰ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.790-795.

autor convida o leitor a meditar estas realidades com devoção, fidelidade e solicitude.²³¹ A meditação das sete palavras de Jesus, dá-nos um importante contributo para compreendermos como a meditação das “sete palavras” estava bem enraizada na devoção e espiritualidade medieval, tratada por vários autores e místicos.

3.2.2.7. Jesus é trespassado e descido da cruz

Após a meditação das horas litúrgicas, o autor introduz agora um capítulo dedicado à meditação da abertura do “lado de Cristo”, sem relacionar esta cena com nenhuma hora, o que se pode explicar pela importância quer teológica quer devocional desta cena da paixão. O lado aberto que derrama sangue e água é um dos momentos mais comentados, meditados e representados na Idade Media, de onde nasce e se desenvolve a devoção ao Coração de Jesus, mas também ao Santíssimo Sangue de Cristo, relacionado com o Sacramento da Eucaristia.²³²

O autor descreve esta cena com um grande dramatismo recorrendo ao relato do Evangelho de São João e que desenvolve ao ritmo da sua própria imaginação. A dor da Virgem Maria é exaltada a partir da oração que dirige ao Seu Filho. Ela continua interceder junto do Pai para que afaste os todos que, mesmo depois da morte de Cristo, O perseguem e Lhe causam dor. Depois desta oração de Maria, o autor coloca-a argumentando com os soldados para que não quebrem as pernas a Jesus, tal como fizeram com os ladrões. Descreve assim uma cena bastante teatral em que os companheiros choram e lamentam a morte de Jesus junto da cruz e a Virgem se encontra de joelhos, chorando, com a voz apagada pela dor.²³³

²³¹ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.794-795: «*Tu autem studeas devote, fideliter et sollicitate His omnibus inhaerere.*» [Por tu parte esfuézzate a estas cosas com devoción, con fidelidad y con sollicitud.]

²³² Cf. SÁNCHEZ HERRERO, J., «Desde el cristianismo», pp. 415-424.

²³³ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.794-797.

De acordo com a tradição apócrifa, refere-se que o soldado que trespassa o lado de Cristo se chama Longino²³⁴ e que mais se tornou mártir. No momento em que este abriu com a lança o lado de Cristo, a Virgem Maria perdeu os sentidos e caiu sobre Madalena. João, indignado, dirige-se aos soldados, defendendo a dor de Maria.²³⁵ Segue a narração da dor mortal da Mãe quando recobra os sentidos e vê o lado aberto de Seu filho. O autor, em jogo retórico com o leitor, diz que Maria teve tantas mortes quantas as injúrias que faziam ao seu Filho, afirmando que se cumpriu o que Simeão anunciara em Lucas (2, 35).²³⁶ O capítulo termina com a referência às personagens estavam junto à cruz, sem instrumentos para retirar o corpo de Jesus e lhe dar a devida sepultura.²³⁷

O capítulo nono é dedicado à meditação da hora de Vésperas, neles são narrados os acontecimentos da descida do corpo de Jesus da cruz que começam com chegada de José de Arimateia e de Nicodemos, acompanhados de outros, trazendo os instrumentos para descer o corpo de Jesus, com libras de mirra e aloés, bem como os utensílios para a sepultura. Aqui a narração segue o Evangelho de João (19, 39), o único que nos dá esta informação sobre os perfumes e óleos para a unção antes da sepultura. A chegada das duas personagens é dramatizada com o diálogo com João, que se aproxima e lhes apresenta Maria. Depois do diálogo entre as quatro personagens sobre o sucedido, fazem-se finalmente os preparativos para descer o corpo de Jesus.²³⁸

²³⁴ Longino seria o centurião romano que reconheceu Cristo como sendo o "Filho de Deus" na crucificação e que trespassou o lado de Jesus com a sua lança (Jo 9,34). Provavelmente "Longinus" deriva do grego "longche", que significa lança.

²³⁵ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.796-797.

²³⁶ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.796-797.

²³⁷ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.796-797: «*Vides in quanta perplexitate sunt. O Deus benigne, quomodo permittis tuam ex omnibus electam, mundi speculum et reclinatorium nostrum, sic tribulari? Tempus autem esset, ut aliquantulum respirasset.*» [Ves, pues, en qué angustiosa perplejidad se encuentran? Oh Dios misericordioso! Cómo permitis que aquella que Vos habeis elegido entre todas las criaturas espejo del mundo y consuelo nuestro, sea de tal manera afligida? Ya es tiempo de que dado respirar un poço.]

²³⁸ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.798-799.

Antes de continuar a narração dos acontecimentos, o autor faz novamente uma chamada de atenção ao leitor para que medite com diligência na cena do “descimento da cruz”.²³⁹

A descida da cruz é descrita de forma detalhada, quase plástica. Diz-se que José subiu pelo lado direito para retirar o cravo, que estava muito introduzido no madeiro, e que teve de oprimir fortemente a mão direita do Senhor. Segundo o autor, esta violência não depende de José, porque o faz por amor, além de que o Senhor aceita tudo o que Lhe fazem. São João pede a José os cravos que causaram tantas dores ao Senhor. A ideia de que foi São João a guardar os cravos do Senhor, que não é referida nos Evangelhos, pode ser vista como uma forma do autor justificar as relíquias da paixão, que na época tinham grande importância e eram objecto de veneração.²⁴⁰

O cravo da mão esquerda é retirado por Nicodemos, que desce de seguida para retirar o cravo dos pés enquanto José de Arimateia suspendia o corpo de Jesus, “feliz” por poder abraçar deste modo o corpo do Senhor.²⁴¹ Neste momento, o autor narra que a Virgem Maria acorre para a mão direita, que estava pendente, pousando-a no seu rosto, e que depois do corpo já descido e colocado por terra, Maria apoia junto ao seio a cabeça e os ombros do Senhor, e Madalena acorre aos Seus pés²⁴². Esta narração do “descimento” inspirou não só a pintura da idade média como as representações teatrais: os autos e mistérios ao longo dos séculos.²⁴³

²³⁹ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.798-799: «*Tu autem, ut aliis locis dixi tibi, diligenter et morose modum depositionis attende.*» [Mas tú atiende con diligencia y despacio al acto del descendimiento, como en otros lugares te dije.]

²⁴⁰ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Pregos_da_cruz 31/05/2011 11:11.

²⁴¹ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.800-801: «*...felix quippe ipse Ioseph, quia corpus Domini meruit sic amplexari.*» [Feliz, con toda a verdade, fué este José, pues mereció abrazar de tal modo el cuerpo del Señor!]

²⁴² Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 800-801.

²⁴³ Cf. TELES, J. C., *A Paixão de Cristo*, pp. 28, 137-140; GERALDES, J. A., *Mitos e Ritos*, pp.127-128.

3.2.2.8. A sepultura de Jesus

Para a hora canônica de Completas é reservado o décimo capítulo, que trata da unção e sepultura de Cristo. Ela começa com a narração do pranto da Virgem Maria ao olhar e meditar em cada uma das chagas e feridas, e na barba arrancada a Jesus. Esta descrição torna-se também um convite a que o leitor, acompanhando o que Maria ia olhando, possa meditar, juntamente com ela, em cada uma destas chagas e feridas de Cristo.²⁴⁴

Um dado importante que o autor nos apresenta aqui é a referência a uma “devota” à qual Cristo teria revelado que lhe cortaram o cabelo e a barba. O autor justifica este episódio dizendo que os Evangelhos não referem este acontecimento porque não registam todas as coisas que se passaram, citando Isaías (50,6), para provar o arrancar da barba.²⁴⁵

De seguida é apresentado um diálogo entre São João e a Virgem Maria, em que este lhe pede para sepultar o corpo de Jesus. O autor diz-nos que Maria acede ao pedido. Depois disso, envolvem o corpo de Jesus segundo o costume dos judeus. Ao chegar à preparação dos pés, o autor coloca Madalena a pedir para ser ela a preparar os pés do Senhor, o que lhe é concedido. É então feita uma meditação sobre os pés de Cristo e a dor de Madalena, que os lava novamente com as suas lágrimas, cena muito comum na piedade popular e ainda hoje representada em alguns pontos do nosso país na semana santa.²⁴⁶ O relato prossegue com episódio da longa lamentação da Virgem Maria ao despedir-se do seu Filho, descrevendo como esta, com as suas lágrimas, lavou o rosto de Jesus, o beijou e o envolveu com o sudário. Todos O adoram de joelhos e lhe beijam os pés. Colocado o Senhor no sepulcro, voltam a adorá-l’O de joelhos e a Virgem Maria

²⁴⁴ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.800-801.

²⁴⁵ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp.800-801.

²⁴⁶ Cf. GERALDES, J. A., *Mitos e Ritos*, pp.115-116.

abraça-o e beija-o novamente. Por fim, o autor narra que rolaram uma grande pedra para fechar o sepulcro. Encontrarmos nesta meditação uma representação processional com grande significado na época medieval e que ainda hoje se realiza em muitos lugares, falamos da procissão do Enterro do Senhor.²⁴⁷

Para descrever o sepulcro, as *Meditações* citam Beda Venerável, segundo o qual o sepulcro era escavado numa rocha, e tinha uma altura a que dificilmente um homem poderia chegar com a mão estendida. A entrada estava a oriente e a norte o lugar onde foi sepultado. A pedra teria sete pés de longitude.²⁴⁸

Ao terminar as “horas canónicas” o autor faz ainda algumas meditações em três capítulos: uma para depois de Completas e duas para o dia de Sábado.

A meditação para depois de Completas, no décimo primeiro capítulo, narra o que aconteceu depois de sepultado o Senhor. José de Arimateia e Nicodemos oferecem as suas casas à Virgem Maria, mas Maria ficará com João no Monte Sião, onde estiveram no dia anterior. Junto do sepulcro permaneceram a Virgem Maria, São João e as mulheres, tal como referem os Evangelhos.²⁴⁹

De seguida é relatado o regresso do grupo à cidade porque estava a anoitecer. É de salientar que o autor narra que Maria ao passar junto da cruz onde morreu Jesus, se ajoelhou e a adorou, dizendo que ali expirou Jesus e que ali estava o seu preciosíssimo sangue²⁵⁰. O autor afirma assim que foi Maria a primeira que adorou a cruz, num gesto que depois também os outros repetiram. Já no regresso à cidade é narrado que, ao longo

²⁴⁷ Cf. GERALDES, J. A., *Mitos e Ritos*, pp. 127-138; TELES, J. C., *A Paixão de Cristo*, pp. 111-115.

²⁴⁸ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 804-805: «*De hoc monumento dicit Beda, quod fuit domus rotunda, de subiacente rupe excisa, tantae altitudinis, ut vix homo manu extenta culmen posset attingere, introitum habens ab oriente: in parte vero aquilonari locus Dominici corporis de eadem petra factus est, septem pedes habens longitudinis.*» [Beda dice de este sepulcro “que era una cavidad redonda hecha en la roca, de tanta altura, que un hombre con la mano extendida a lo alto apenas podía tocar la parte de arriba. La entrada estaba al oriente, y al norte el lugar donde fué puesto el cuerpo del Señor. Este lugar fué hecho de la misma piedra y tenía siete pies de longitud.]

²⁴⁹ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 806-807.

²⁵⁰ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 806-807. «*Hic requievit filius meus, et hic est pretiosissimus sanguis eius.*» [Aquí reposó mi Hijo y aquí está su preciosísima sangre.]

do caminho, todos se iam voltando e adorando a cruz até esta deixar de se ver.²⁵¹ O relato termina com a chegada a casa, ficando a Virgem Maria com São João e Madalena.²⁵² O regresso do sepulcro deu lugar a manifestações da piedade popular, em alguns lugares após a procissão do enterro realiza-se a Procissão do Regresso, que medita a solidão e o desalento da Mãe após o enterro do Seu Filho.²⁵³

3.2.2.9. O Sábado Santo

O capítulo décimo terceiro é dedicado à meditação sobre a Virgem Maria e as suas companheiras no dia de Sábado. Narra-se então a manhã de Sábado, quando Maria, as suas companheiras e João permanecem trancados em casa, tristes e chorosos, a recordar todos os acontecimentos da Paixão de Cristo.

O autor narra que neste momento São Pedro bate à porta e que São João a abre, a mando da Virgem Maria. Confuso e com grande pranto, ele aproxima-se dos outros, chegando entretanto os restantes discípulos. Por fim, Pedro toma a palavra e confessa que não se devia aproximar nem aparecer pois abandonou e negou Jesus, que tanto o amava. Então todos os discípulos se confessaram culpados, ao que a Virgem Maria responde que Cristo os amava muito e que brevemente serão reconciliados com Ele. Seguidamente, Pedro e os outros discípulos começam a falar, dizendo o autor que passaram o dia de Sábado a recordar-se de tudo quanto o Senhor lhes dissera durante a Última Ceia e em toda a sua vida.

²⁵¹ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II., pp. 806-807.

²⁵² Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 810-811.

²⁵³ Cf. TELES, J. C., *A Paixão de Cristo*, p. 123.

O autor explica assim o motivo de o Sábado estar consagrado à Virgem Maria, pois ela no Sábado esperou com tranquilidade e fé a ressurreição de Jesus. Não conseguia, contudo, ter sentimentos de alegria, por causa da morte de Seu filho.²⁵⁴

O autor termina este capítulo contando que, quando se pôs o sol, quando já se podia fazer algo, durante o sábado era impossível trabalhar, Maria Madalena e a outra Maria saíram para ir comprar alguns aromas para preparar os óleos. O texto refere que caminhavam tristes como se fossem viúvas e que compraram a algum amigo do Senhor os melhores aromas, convidando o leitor a considerar a humildade, a devoção e a fidelidade com que trabalharam para o Senhor.²⁵⁵

O último capítulo é dedicado à descida de Jesus Cristo aos infernos no dia de Sábado. Narra-se aqui o que Jesus fez nesse mesmo dia de Sábado, diz-se que logo que morreu desceu aos infernos, onde estavam os Santos Patriarcas, e que permaneceu com eles até à aurora de Domingo. Assim, eles estavam na glória porque a Sua visita é a glória perfeita. O autor medita depois na humildade e no amor que Cristo demonstra com a Sua descida aos infernos, pois podia ter mandado um anjo mas foi Ele próprio.

A descida de Cristo aos infernos mostra já Cristo ressuscitado no meio dos Patriarcas do Antigo testamento: o hino que o autor coloca na boca destes é então uma verdadeira profissão de fé e a exaltação de Cristo glorioso²⁵⁶. Os Santos Patriarcas

²⁵⁴ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 812-813: «*Domina tamen stabat mente tranquilla et pacata, quia certissimam spem habebat de resurrectione filii sui, et in ea sola remansit fides in ipsa die sabbati; et propterea dies sabbati attribuitur ei. Non tamen poterat ipsa Domina gaudenter stare propter mortem filii sui dulcissimi Iesu Christi.*» [Nuestra Señora, sin embargo, permanecía con el ánimo tranquilo y sosegado, porque tenía esperanza certísima de la resurrección de su Hijo, y solamente en Ella permaneció la fe en este día del sábado. Esta es la razón por la cual le está consagrado. No obstante, Ella no podía tener algún sentimiento de alegría, a causa de la muerte de su Hijo dulcísimo.]

²⁵⁵ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 814-815.

²⁵⁶ BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 814-815: «*Benedictus Dominus Deus Israël, quia visitavit et fecit redemptionem plebis suae, qui cum Deo Patre et Spiritu sancto vivit et regnat, Deus omnipotens, unus et verus in individua Trinitate, ad quam nobis perducatur ipse idem Deus et Dominus noster Iesus Christus, natus de Virgine gloriosa in terra sine patre, et ante saecula omnia genitus de Patre sine mater, et modo pro salute generis humani sic crucifixus, mortuus et sepultus propter nimiam caritatem suam qua nos miseris et indignos ita dilexit, ut fratres, filios et coheredes regni sui faciat in gloria sempiterna. Amen.*» [Benedito sea Señor Dios de Israel, porque visito y verifico su redención, el cual vive y reina con Dios Padre y con el Espíritu Santo, Dios todopoderoso, uno y verdadero en la individua Trinidad, a la cual nos

alegram-se com a chegada de Cristo e entoam cânticos e louvores pela Sua presença,²⁵⁷
esta constitui a conclusão das *Meditações*.

lleve el mismo, igualmente Dios y Señor nuestro Jesucristo, nacido de la Virgen gloriosa en la tierra sin padre, y engendrado del Padre sin madre con antelación a todo tiempo, y ahora en la forma dicha crucificado, muerto y sepultado por la salvación del género humano, llevado de su excesiva caridad, con la cual en tanto grado nos amo a nosotros, míseros e indignos, que nos há hecho hermanos, hijos y coherederos de su reino en la gloria eterna”. Amén.]

²⁵⁷ Cf. BOAVENTURA, *Obras*, II, pp. 814-815.

Conclusão

A Paixão de Cristo tem inspirado ao longo dos séculos artistas, escritores, fiéis leigos e clérigos, mantendo vivo, ao longo das gerações, um acontecimento absolutamente único, que viria a marcar para sempre a Humanidade.

Inicialmente, tentei desenvolver um trabalho acerca da história e evolução das principais devoções da piedade popular relacionadas com a dramatização litúrgica da Paixão de Cristo, especialmente da Semana Santa. A escassez de bibliografia limitou a escolha do tema centrado em duas obras franciscanas que marcaram sem dúvida a meditação, a reflexão, a piedade popular e as representações artísticas da Paixão de Cristo, a saber: *Lignum vitae* e *Meditationes de Passione Iesus Christi*.

Com a transformação da Europa, no início do século XIII, multiplicam-se as cidades e vilas, levando a um afastamento do Evangelho e da dimensão espiritual, o qual fez surgir na Igreja novas formas de vida religiosa professando a pobreza e vivendo uma configuração a Cristo - as ordens mendicantes - pregando pelo exemplo e pela palavra a uma sociedade sedenta.

A meditação da pessoa e vida de Jesus Cristo despertou nos fiéis o desejo de implantar na Igreja a imitação de Cristo, na pobreza, na caridade e na humildade. A devoção a Cristo como Rei desenvolvida na alta idade média foi dando lugar à devoção a Cristo Redentor, pobre, humilde, paciente, com O qual o cristão devia configurar a sua vida. Francisco de Assis vive esta identificação total a Cristo pobre e humilde, identificação central na espiritualidade franciscana que se difunde por toda a cristandade.

O cristocentrismo, característico da espiritualidade medieval, culmina na devoção à humanidade de Cristo, que nasce, que sofre e que morre como os homens, e

que tem na devoção à Paixão e Morte de Cristo temas centrais. A Paixão converte-se no motivo central da devoção, da liturgia, das representações artísticas e da literatura.

As duas obras estudadas, *Lignum Vitae* e *Meditationes Passione Iesus Christi*, são consideradas, por vários autores, aquelas que mais influenciaram a meditação à Paixão e difundiram pela cristandade.

Ao estudarmos a *Lignum Vitae* deparamo-nos como que com uma obra artística de pintura, poesia e música onde o centro de tudo é Cristo crucificado. O conteúdo doutrinal foi esquematizado por meio dum gravura fácil de conservar na memória: a árvore da Vida. O autor coloca como os sentidos e a psicologia humana ao serviço da meditação, da oração, fundamentais na evangelização, ontem e hoje.

Se *Lignum Vitae* consiste numa obra doutrinal de tipo poético, as *Meditationes de Passione Iesus Christi* apresentam-se como uma obra dramática onde o autor, a fim de preparar as horas canónicas da liturgia, distribui a meditação da Paixão do Senhor ao longo das horas do dia. Estas meditações franciscanas, destinadas à devoção privada dos fiéis, pretendem infundir nos fiéis a devoção à Paixão do Senhor e a configuração dos seus sofrimentos com os de Cristo. Tornando-se uma autêntica via-crucis literária. Nela os passos da Paixão descritos com dramatismo alimentam a piedade popular da idade média.

De facto, há que reconhecer e concluir que a espiritualidade franciscana se difundiu entre o povo cristão deixando marcas que perduraram ao longo dos séculos à sombra dos conventos franciscanos e das ordens terceiras, e que ainda hoje são contributo para uma meditação da Paixão e para a evangelização dos fiéis.

Após a leitura e análise destas obras, seria ainda bastante interessante abordar as manifestações que tiveram na piedade popular, relacionando-as com a dramatização da

Paixão de Cristo ainda hoje existente no nosso país. Isto poderá ser objecto de novo estudo.



²⁵⁸ BOAVENTURA, *A árvore da vida: Meditações cristológicas*, Editorial Franciscana, Braga, 1997, p 19.

Bibliografia

Fontes

BOAVENTURA, *A árvore da vida: Meditações cristológicas*, Editorial Franciscana, Braga, 1997.

BOAVENTURA, *Obras*, edicion bilingue, I - II, BAC, Madrid 1955, 1956.

Outras Obras

AUBERT, R., KNOWLES, M. D., ROGIER, L. J., *Nova história da Igreja: A Idade Média*, 2ª ed., Vozes, Petrópolis, 1983.

BLASUCCI, A., «Buenaventura de Bagnoregio», in ANCILLI, E. (dir.), *Diccionario de espiritualidad*, I, Editorial Herder, Barcelona, 1983, pp. 280-294.

ETÉRIA, *Peregrinação: liturgia e catequeses em Jerusalém no século IV*, 2ª Ed, Vozes, Petrópolis, 2004.

GARCÍA CORDERO, M., ÁLVAREZ, L. et al., *Historia de la espiritualidad*, I-II, Juan Flors, Barcelona, 1969.

GARCÍA VILLOSLADA, R., *Historia de la Igreja Católica*, BAC, Madrid, 1953.

GERALDES, J. A., *Mitos e Ritos da Paixão: A Quaresma, a Semana Santa e a Misericórdia de Proença-a-Velha*, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova, 2004.

IRIARTE, L., *Historia franciscana*, Editorial Asis, Valencia, 1979.

JIMÉNEZ, R. T., «Notas para uma reflexión sobre el cristocentrismo y la devoción medieval a la pasión y para su estudio en el medio rural castellano», *Hispania sacra*, 58 (2006) 449-487.

LE GOFF, J., *¿Nació Europa en la Edad Media?*, Barcelona, 2003.

MARQUES, J., «As confrarias da paixão na antiga arquidiocese de Braga», *Theologica*, 28: 2 (1993) 447-480.

«A pregação em Portugal na Idade Média: alguns aspectos», *Via Spiritus*, 9, (2002) 317-347.

MASSARA, M. F., *Santuário do Bom Jesus do Monte*, Confraria do Bom Jesus do Monte, Braga, 1988.

O'CONNELL, P. F., *The "Lignum Vitae" of Saint Bonaventure and the medieval devotional tradition*, Dissertation Information Service, University Microfilms Internacional, 1988.

PABLO MAROTO, D., *Espiritualidad de la alta edad media*, Editorial de Espiritualidad, Madrid, 1998.

SÁNCHEZ HERRERO, J., «Desde el cristianismo sábio a la religiosidad popular en la Edad Media», *Clio & Crimen*, 1 (2004) 301-335.

Historia de la Iglesia II: Edad Media, BAC, Madrid, 2005.

«Piedad y artes plásticas. La devoción a la preciosa Sangre de Cristo durante los siglos XIII a los primeros años del XVI y su influencia en las manifestaciones artísticas», in *Actas do colóquio internacional Piedade popular: Sociabilidades, representações, espiritualidades*, Terramar, Lisboa, 1999, pp. 411-432.

TEIXEIRA, V. G., «Algumas devoções populares medievais e suas raízes franciscanas», in *Actas Congresso Cultura Popular*, Porto, 2000, pp. 345-355.

TELES, J. C., *A Paixão de Cristo na Devoção popular lisboeta*, Rei dos Livros, Lisboa, 1999.

VANDENBROUCKE, F., *Storia della spiritualità: La Spiritualità del Medioevo*, 4/B, Edizioni Dehoniane Bologna, 1991.

VAUCHEZ, A., *La espiritualidad del Occidente Medieval: Siglos VIII-XII*, Ed.Cátedra, Madrid, 1985.

ZEDELGEM, A., *Saggio Storico sulla devozione alla Via Crucis: Evocazione e rappresentazione degli episode e dei luoghi della Passione di Cristo*, Atlas, Sacri Monti/Calvari, 2004.

<http://bragamusician.blogspot.com/2009/06/rossini-e-seu-stabat-mater.html>, 14/5/2011, 11:48.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Pregos_da_cruz, 31/05/2011, 11:11.

Índice

Introdução	3
1. A espiritualidade franciscana: Sua influência nas práticas devocionais à paixão de Cristo na cristandade	
1.1. O novo contexto “europeu” do século XIII	6
1.2. O cristocentrismo da espiritualidade mendicante	8
1.3. A humanidade de Cristo como centro de uma “devoção passionista”	11
1.4. As expressões de uma “devoção passionista”	13
2. Boaventura	
2.1. A vida	17
2.2. A obra	19
3. A Paixão nas obras <i>Lignum vitae</i> e <i>Meditationes de Passione Iesu Christi</i>	
3.1. <i>Lignum vitae</i>	
3.1.1. Autoria e estrutura da Obra	22
3.1.2. Análise da obra	27
3.1.2.1. A traição e a oração no horto	27
3.1.2.2. Jesus é preso e condenado	29
3.1.2.3. Jesus é flagelado e crucificado	31
3.1.2.4. Jesus trespassado e depositado no túmulo	33
3.2. <i>Meditationes de Passione Iesu Christi</i>	36
3.2.1. Autoria e estrutura da obra	36
3.2.2. Análise da obra	39
3.2.2.1. A última ceia	39
3.2.2.2. A oração no horto e a prisão	43
3.2.2.3. Jesus perante os tribunais	45
3.2.2.4. Jesus carrega a cruz para o calvário	45

3.2.2.5. A crucifixa3o de Jesus	48
3.2.2.6. As palavras de Jesus na cruz e a Sua morte	50
3.2.2.7. Jesus 3e trespassado e descido da cruz	51
3.2.2.8. A sepultura de Jesus	54
3.2.2.9. O S3bado Santo	56
Conclus3o	59
Anexo 1	62
Bibliografia	63